

MOSTRA NACIONAL JOVENS CRIADORES 2022

ORGANIZAÇÃO

PARCERIA



GERADOR



**Gabinete do Secretário de Estado
da Juventude e do Desporto**

Instituto Português do Desporto e Juventude

Rua Rodrigo da Fonseca, nº 55,
1250-190 Lisboa
ipdj.gov.pt

Associação Cultural Gerador

Largo das Conchas, Casa da Cidadania, 9
1750-155 Lisboa
gerador.eu

**Catálogo Mostra Nacional
Jovens Criadores 2022**

Esta publicação reúne os trabalhos
dos jovens criadores selecionados
e vencedores da edição de 2022

Dezembro 2022

Equipa Gerador

Curadoria

André Imenso
Camila Fernandes
Carolina Costa
Catarina Amado
Margarida Marques
Priscilla Ballarin
Tiago Sigorelho

Textos

Andreia Monteiro
Clara Amante

Produção

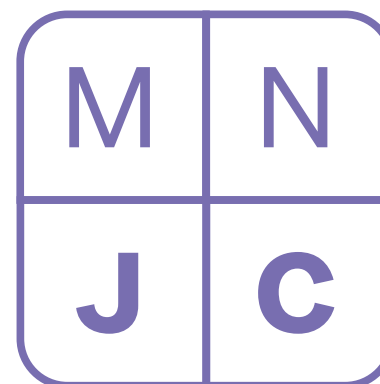
Camila Fernandes
Inês Lopes
Martim Campos
Miguel Bica
Pedro Ivo
Rita Gil

Design

Frederico Pompeu
Priscilla Ballarin
Sérgio Neves

Fotografia

Jennifer Lima Pais
Guilherme Costa



Catálogo Mostra Nacional Jovens Criadores 2022



APOIOS



MOSTRA NACIONAL JOVENS CRIADORES



ORGANIZADORA: REPÚBLICA PORTUGUESA
PARCEIRA: GERADOR CMA
APOIO: #2 ARTS A urban jungle



MOSTRA NACIONAL



JOVENS CRIADORES

MOSTRA NACIONAL JOVENS CRIADORES



MOSTRA NACIONAL JOVENS CRIADORES

Índice

- 6 A Mostra Nacional Jovens Criadores 2022
- 7 Mensagem João Paulo Correia, Secretário de Estado da Juventude e do Desporto
- 8 Mensagem Tiago Sigorelho, Presidente do Gerador
- 9 Mensagem Inês de Medeiros, Presidente da Câmara Municipal de Almada
- 10 Os principais dados de 2022
- 12 Esta exposição fala-nos do tempo de uma geração
- 13 Intimidades
- 29 Fragilidades
- 39 Metamorfoses
- 53 Futuros
- 67 Recomeços
- 82 Artes performativas
- 83 Cinema
- 93 Dança
- 103 Gastronomia
- 107 Humor
- 117 Literatura
- 127 Moda
- 137 Música
- 147 Teatro
- 158 Júri edição 2022
- 159 Prémios edição 2022

A Mostra Nacional de Jovens Criadores 2022

A Mostra Nacional de Jovens Criadores, iniciativa do Gabinete do Secretário de Estado da Juventude e do Desporto e do Instituto Português do Desporto e Juventude, organizada em 2022 pelo Gerador em parceria com a Câmara Municipal de Almada, é o mais importante e alargado programa de estímulo à criação por jovens artistas em Portugal desde 1997.

Em 2022, 25 anos depois do seu arranque e na edição com mais candidaturas de sempre (838), 134 criadores juntaram-se de 1 a 3 de dezembro, em Almada, para exporem e apresentarem publicamente as suas obras, através de performances e exposições. A MNJC esteve aberta ao público no Fórum Municipal Romeu Correia e no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, procurando, através das obras selecionadas, espelhar a visão e preocupações dos jovens de hoje.

Descobre o vídeo resumo da MNJC 2022, aqui:



Arte Digital, Arte Urbana, Cerâmica, Cinema, Dança, Escultura, Fotografia, Gastronomia, Humor, Ilustração, Literatura, Moda, Música, Pintura e Teatro são as 15 áreas artísticas abrangidas por esta iniciativa que contou com o contributo imprescindível de um júri composto por duas personalidades amplamente reconhecidas pelo seu trabalho e um representante do IPDJ.

Este catálogo reúne todas as obras selecionadas e vencedoras da edição de 2022. As obras estão ordenadas em cada secção, pelos vencedores e, depois, pelos selecionados, por ordem alfabética dos seus criadores.

João Paulo Correia Secretário de Estado da Juventude e do Desporto

Esta é uma edição de festa! A Mostra Nacional de Jovens Criadores (MNJC) celebra 25 anos e que melhor forma de assinalar este marco do que com a realização da edição com mais candidaturas de sempre – 838 no total. A Mostra abriu-se a cinco novas áreas, cobrindo agora 15 dimensões distintas, o que tem expressão neste catálogo.

Este é um espaço que cria efetivas oportunidades de divulgação do trabalho de jovens criadores do país, um espaço que festeja e enaltece a criatividade e a inovação. Na Mostra deste ano podemos admirar as obras de mais de 134 criadores, convocados para participar com o seu talento e saber, com as suas capacidades e competências.

Desde 2018 que o IPDJ, I.P. abriu a possibilidade de associações juvenis e outras entidades sem fins lucrativos poderem candidatar-se como cogestoras deste programa. Em 2022, a Associação Cultural Gerador foi selecionada, de entre quatro candidatos que se apresentaram a concurso, para cogerir o programa Jovens Criadores com o IPDJ.



Este programa tem-se revelado a mais importante e abrangente iniciativa multidisciplinar de promoção e divulgação de jovens artistas e da sua obra no contexto nacional. Prova disso mesmo está na lista de artistas que, ao longo destes anos, participaram no programa. Falamos, entre outros, de Valter Hugo Mãe, Gonçalo M. Tavares, José Luís Peixoto, Margarida Vale de Gato, João Pedro Vale, Joana Vasconcelos, Cecília Costa, José António Tenente, Filipe Faisca, Alexandra Moura, Tiago Albuquerque, João Fazenda, Inês Jacques, Tiago Guedes, Cláudia Cabral ou Catarina Vasconcelos.

Esta é uma lista que orgulha o país e que acima de tudo comprova e justifica a relevância crescente desta Mostra.

Nas suas diferentes artes, estes nomes, e tantos outros que concorreram ao longo destes 25 anos, são a prova viva de que é possível sonhar. E são todos estes sonhos que agora celebramos! Parabéns e boa mostra.

Tiago Sigorelho

Presidente do Gerador

Desde novo que me lembro de ouvir falar na Mostra Nacional Jovens Criadores (MNJC).

Recordo-me de ser uma iniciativa diferente, sustentada no arrojo natural dos jovens artistas, mais ainda numa altura em que praticamente não existiam programas de estímulo à criação artística. Essa importância era traduzida numa cobertura mediática impactante, com uma disponibilidade intensa dos media para procurarem quem tinha mensagens frescas e provocadoras para transmitir.

Com o passar dos anos, com os hábitos que foram surgindo, com os desafios económicos que atravessámos e com o aparecimento de mais programas de apoio à criação por todo o país, a MNJC foi perdendo algum desse protagonismo inicial. No entanto, continuava a ser, verdadeiramente, a grande referência, única com uma variedade tão grande de artes participantes e com uma ambição geográfica determinada pelas nossas fronteiras.

Este ano, o Gerador tem o enorme privilégio de fazer parte desta família, liderada pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, que há



25 anos encontra soluções para dar destaque aos artistas nacionais. A nossa primeira reflexão começou, exatamente, por estar ao nível dessa história, dessa herança. Por isso, o nosso passo inicial esteve concentrado na construção de uma imagem que transmita essa ideia de solidez, de segurança, quase de um porto de abrigo onde jovens artistas saibam que podem experimentar tranquilamente. O logótipo que desenvolvemos corporiza essa vontade, de afirmação de uma instituição, como se de um Museu para o Futuro das Artes se tratasse.

Quisemos, ainda, alargar a participação de jovens artistas na MNJC através de duas grandes alavancas. A criação de 5 novas áreas artísticas, mais contemporâneas, que redefinem, também, o que entendemos como arte, arte digital, arte urbana, cerâmica, gastronomia e humor. E a procura de instituições de ensino ligadas às artes, organizações culturais e movimentos de cidadãos próximos da comunidade artística que tivessem capacidade de mobilizar os jovens para participar. Ao todo, envolvemos mais de 250 entidades nesta dinamização e o resultado foi incrível: 838 propostas, a maior participação de sempre.

Por fim, pretendíamos realizar um evento único, muito virado para os jovens, que nascesse das suas linguagens e dos seus comportamentos. A Mostra de 2022 é um festival de três dias recheado de iniciativas, com masterclasses gratuitas, visitas guiadas e um concerto de encerramento do Filipe Sambado, um jovem artista já consagrado. A exposição apostou num percurso curatorial, que tem como centralidade o tempo de uma geração, e não numa divisão por área artística. E o local de realização da MNJC é distribuído por dois espaços em Almada, um mais central, outro mais periférico, ambos pensados com o nosso parceiro CM Almada para dar oportunidades às comunidades locais de jovens de participarem.

Que venham mais 25 anos.

Inês de Medeiros

Presidente da Câmara Municipal de Almada

Almada, este território de muitos, é feita de um tecido humano imbuído de um extraordinário espírito criativo em todas as áreas, da música ao teatro, das artes visuais à dança. Se alguma coisa podemos esperar de um município como este, com esta vida e criatividade tão vibrante, desta comunidade almadense que acolhe pessoas de todo o mundo, é que esteja perpetuamente aberta à criação.

E que melhor forma de honrar esse espírito almadense do que acolher a Mostra Nacional de Jovens Criadores, congregando o trabalho e obra de centenas de jovens portugueses numa grande celebração do ato da criação.

25 anos depois da sua 1ª edição, este evento, promovido pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, continua a demonstrar a sua importância para uma nova geração de jovens criadores que, como tantos que os precederam, desejam e merecem que o seu trabalho e dedicação sejam reconhecidos. Prova disso foi o extraordinário número de candidaturas recebidas, 838 – o maior número de sempre, e que resultaram na seleção do trabalho de 134 jovens criadores distribuídos por 15 áreas artísticas. Bravo!

É a vocês, jovens, artistas, criadores, que gostava de dizer que conheço intimamente os desafios e as dificuldades que enfrentam. Sei que muitas vezes o trabalho da criação é um percurso de solidão, de incerteza, e de perpétua inquietação e dúvida.



Mas, o vosso trabalho é de suprema importância, pois como disse Sophia de Mello Breyner no momento fundacional da nossa Constituição, “a Cultura não serve para enfeitar a vida, mas sim para a transformar – para que o Homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça”.

Gostava também de estender a todas e todos os jovens criadores o convite, de braços abertos, para que venham para Almada. Aqui há espaço para criar. Aqui há uma comunidade vibrante e criativa. Aqui há uma Câmara Municipal disposta a acolher os vossos projetos. Queremos continuar a desenvolver Almada, não só como Capital das Artes Performativas, mas de todas as avenidas da criação artística e cultural.

Por último, gostava de dar os meus parabéns a todas e todos aqueles que candidataram os seus trabalhos. Desejo-vos a melhor das sortes no vosso percurso e que nunca desistam de continuar a criar.

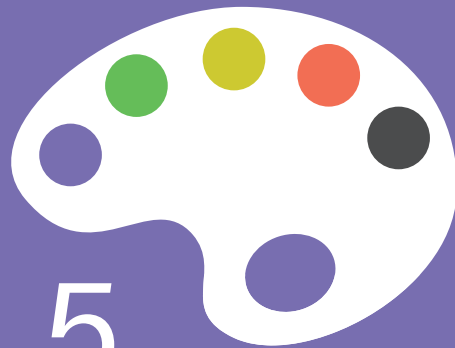
Termo fazendo um agradecimento especial ao Gerador, ao Instituto Português do Desporto e Juventude, e, como sempre, aos trabalhadores da Câmara Municipal de Almada.



15
categorias

25 anos

838
candidaturas



5
novas áreas
artísticas

134
criadores
selecionados

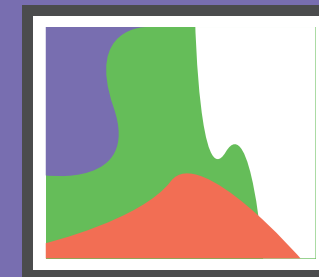
114
obras
ao vivo

106.
170
visualizações
das páginas
MNJC no site
Gerador

1.316.445
impressões nas
redes sociais

16h
de
apresentação
de obras
performativas

3
dias de MNJC



1 exposição
com
curadoria



1 concerto
Filipe
Sambado

15
000€
DISTRIBUIDOS



3 masterclasses gratuitas

Esta exposição fala-nos do tempo de uma geração.

Durante a MNJC as obras de arte digital, arte urbana, cerâmica, escultura, fotografia, ilustração e pintura foram apresentadas num percurso com curadoria dedicada.

O percurso proposto é uma viagem pelas vicissitudes desse tempo, caracterizado por uma certa sensação vertiginosa, nitidamente causada pelas preocupações com o dia de amanhã e influenciada, também, pela inigualável velocidade à qual decorrem todos os processos sociais.

A exposição inicia-se a partir do que é mais íntimo, fazendo das **Intimidades** — e de tudo o que nelas cabe — o princípio. Neste núcleo, exploramos as relações mais próximas, internas e externas, com o eu, com os outros e com o mundo, vendo a singularidade desses vínculos como o ponto de partida, o lugar a partir do qual tudo o resto nasce.

Seguimos para as **Fragilidades**, onde as obras nos sugerem um olhar crítico sobre o contexto atual, dando espaço a várias preocupações motivadas pela forma como a sociedade contemporânea se rege. Aqui, as fragilidades, as suas resistências e os seus fantasmas reivindicam ser revisitados.

Este encontro com alguns dos elementos que aparentam pôr em causa um futuro íntegro e justo, dá depois lugar a uma exploração do poder das **Metamorfoses**, que, através da reinvenção, da desconstrução e da irreverência, se atrevem a questionar passado e presente, podendo trazer respostas que cimentem novos caminhos para o pensamento.

Depois, exploramos as criações que nos falam de **Futuros** — lugares onde o real e o imaginário se fundem para confrontar quem os olha. Não existem e, no entanto, aqui se encontram, parados no tempo e no espaço, contendo em si próprios angústias, desafios e possibilidades.

Por fim, somos empurrados a experimentar alguns **Recomeços**, hipóteses exploratórias para um novo início, partindo de espaços em construção, ainda à procura das suas próprias personalidades. São olhares concretos que devolvem esperança e vontade.

Intimidades

Íntimo: palavra que se refere não só a algo que está muito dentro, que é muito interno, mas também àquilo que surge numa intensa relação de proximidade com o outro.¹

Um conceito dual que, precisamente pelas suas contradições, nos ajuda a olhar para estas obras em que o íntimo pertence tanto ao eu como ao nós, onde a intimidade é espaço de conflito, de inquietação, de descoberta, mas também de segurança, de conforto e de continuidade.

Neste percurso, testemunhamos as intimidades que se geram na relação com o outro, com a natureza, com o sagrado e com a memória, mas também as que estão presentes nos gestos do quotidiano e na vida em comunidade. Vivemo-las, como resultado da proximidade, fictícia, ou não, que criamos com as histórias dos outros que aqui se nos dão a conhecer. A intimidade também de mim, para mim, através das obras onde o eu surge, muitas vezes, como ponto de partida e simultaneamente de chegada: sai-se daquilo que é mais pessoal, mais interno, para se olhar para fora e, depois, assim se saber compreender melhor o que está dentro. Neste espaço, não só nos é permitido um vislumbre das relações que habitam outras esferas privadas, como nos é lançado um desafio: o de nos demormos. A intimidade leva sempre o seu tempo.

¹ in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.



Vencedora

Ferida que dói e Ferida que não se sente

INÊS NÊVES

Gesso e acrílico sobre madeira
120 x 120 x 2,5 cm
2022

sinopse

Ecoa já sem teleponto na consciência coletiva que o amor é cego, é morte, ou que a lágrima é o seu sorriso; que é ferida que dói e não se sente. O instinto de sobrevivência e rejeição à dor parece adormecer quando a causa é o amor. Dopamina e oxitocina anestesiaram a pele, mas a mente não sara. Através do encontro afetivo e efetivo entre corpo e matéria, "Ferida que dói e Ferida que não se sente" reflete sobre a natureza viciante do amor e figura a capacidade do ser humano de deixar marca. Numa dança em que o corpo chega, marca, e se vai, restam apenas os rastros das suas carícias, inscritos no espaço e na memória.

bio

Inês Nêves (1995) é uma artista multidisciplinar. É licenciada em Design de Comunicação (FBAUP, Porto), mestre em Arte e Design Têxtil (EKA, Talín), e tem formação informal em acrobática, dança, artes gráficas e mercados de arte. Inês realizou exposições, performances e residências artísticas em Portugal, Estónia e Suécia, e participou em conversas, publicações e conferências internacionais. Desde 2019, Inês tem vindo a integrar múltiplos projetos coletivos locais e internacionais como: mais uno +1, Artistas Anónimos, Vent Space Project, Residência Aberta Mart's Garage e Rede de Jovens Investigadores KAIROS.



Vencedor

Kinky Ceramics

PEDRO LOBO

Olaria e Lastra. Grés, barro vermelho, corda de algodão, gag ball. Rope Play 1: 7,5 x 11,5 x 30 cm; Rope Play 2: 11 x 9,5 x 29 cm; Gag play 1: 4 x 6 x 27 cm; Gag play 2: 4 x 6 x 26,5 cm; Impact Play 1: 12,5 x 10 x 28,5 cm; Impact Play 2: 26 x 12 x 2 cm. 2021-2022

sinopse

O design tem um papel fulcral na mudança de mentalidades, devendo ser um agente disruptivo na nossa sociedade conservadora. Assim surge a coleção Kinky Ceramics, que consiste em peças de tipologia tradicional, às quais são feitas modificações com artefactos de BDSM, usando o lado estético das mesmas, numa tentativa de desconstruir a barreira da aversão da sociedade, perante a cultura do fetiche. Aproveitando a plasticidade das peças cerâmicas, são aplicados objetos *Kinky*, que apresentam assim diversas deformações, como se fossem partes do corpo.

bio

Recém-licenciado em design industrial e atualmente a frequentar o mestrado em design de produto na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, na qual me encontro a desenvolver a minha tese. A minha investigação baseia-se no papel do design na nossa sociedade e em como este pode ser um agente transformador, numa procura por uma mentalidade mais progressista. Considero-me uma pessoa ativista e com um grande espírito crítico em relação às problemáticas da sociedade e, por esse motivo, o meu trabalho projetual tende a ser de cariz de manifesto.



A MEU VER #1

ABEL MOTA



Óleo sobre tela
93 x 110 cm
2022

sinopse

“A MEU VER #1” são quatro imagens pintadas do meu “ponto de vista”, isto é, do meu território-casa. O meu ponto de vista não é apenas a posição de um corpo num espaço, mas sim do meu corpo - eu - e sim do meu espaço - uma rua com um nome de árvore, que serpenteia uma das montanhas do Gerês. Estas pinturas recorreram ao ato da visão como mediador entre mim e os objetos criados, investigando e tentando entender a pintura como pura linguagem plástica e o espaço como objeto que se tenta reter. Pintar paisagem é um claro mecanismo de retenção de tempo.

bio

Estudou pintura nas Beaux-Arts de Paris e na FBAUP - Porto onde recebe os Prémios de Incentivo e de Mérito. Participa desde 2017 em vários momentos expositivos, residências artísticas, nacionais e internacionais, destacando-se em Chã das Caldeiras (CV), Conceição das Crioulas (BR), Encontrarte (PT), Bienal de Vila Nova de Cerveira (PT). Em 2021 cofunda o atelier O Bueiro, no Porto; com a exposição “Desculpa Mãe” é um dos vencedores do prémio AJ da Millenium BCP e é convidado a integrar a coleção Rótulos de Artista da Herdade do Esporão. Colabora desde 2018 com os estúdios de design Eduardo Aires e Gémeo Luís.



O (meu) jardim.

BEATRIZ VALE MARTINS

Técnica de feltagem. Lã cardada, linha de algodão, novelos de lã e flores secas.
35 x 65 x 43 cm
2021

sinopse

Esta obra desenvolve-se como um livro de artista escultórico. Neste livro de artista procurei materializar um jardim pessoal, que não existe na vida real, utilizando a feltagem. Por isso, realizei um objeto em que a sua forma remete para a forma de um vaso. Escolhi o vaso pois dado o sítio onde vivo este é o “tamanho ideal” para o que poderia ser o meu jardim. Depois, em vez de usar este objeto da maneira que seria a mais comum e expectável, em vez de colocar os elementos que queria conter no meu jardim dentro desse “vaso”, o próprio vaso é que contém esses elementos em si próprio.

bio

Beatriz Vale nasceu a 10 de maio de 2000, no Porto, onde está atualmente sediada. Concluiu em 2022 a licenciatura em Artes Plásticas (multimédia) na Faculdade de Belas Artes do Porto. É uma artista multidisciplinar que tem como foco principal de interesse as questões da exploração do corpo, expressão, compreensão e (des)construção do que a rodeia e de si mesma. Frequentemente transpõe esses temas em performance, dança, vídeo, desenho, fotografia, som/música.



Era (e é) uma vez o Vitória

CATARINA PEIXOTO



Manual e digital. Grafite, lápis de cor, iPad, Photoshop. Livro com 40 páginas.
Catarina Peixoto - ilustração, paginação e produção e Paulo César Gonçalves - escrita.
A4. 2022

sinopse

O projecto “Era (e é) uma vez o Vitória” é o 1º livro infanto-juvenil sobre a história centenária do Vitória Sport Clube. Esta obra, independente, edição de autor(a), na qual a Catarina Peixoto é responsável pela ilustração, paginação e produção, pretende apresentar, de forma cativante e didáctica, o Vitória, a um público (bem) mais jovem.

A ilustradora e o autor Paulo César Gonçalves juntaram-se para proporcionar algo novo à população de uma cidade localizada a norte de Portugal, Guimarães.

Acima de tudo, a obra trata do vínculo afectivo que une gerações.

bio

Catarina Peixoto nasceu em Guimarães em 1994, mestreou-se em ilustração na Escola Superior Artística de Guimarães (ESAG), licenciou-se em design gráfico e publicidade na Escola Superior de Estudos Industriais e Gestão (ESEIG) e frequentou o curso de design de comunicação na Escola Artística Soares dos Reis. Ao longo dos tempos tem vindo a colaborar em vários projetos. Em 2021 venceu o prémio de Jovens Criadores na categoria de ilustração e banda desenhada com o projeto Postais Ilustrados de Guimarães. Atualmente trabalha como *freelancer*, onde desempenha funções de ilustração e design gráfico.



“ SuperPower “

C'MARIE



Pintura mural, técnica mista sobre madeira e parede, instalação de elementos em contraplacado. Madeira de contraplacado 3mm, tinta acrílica de parede, tinta de spray.
1,84 x 2,75 m. 2022

sinopse

A proposta “ SuperPower “, inspira-se na pressão, no ter sucesso, na síndrome de impostor. Através de uma linguagem que atua em diferentes planos, cria espaço para uma narrativa dupla e dividida na personagem, de emoções mistas, de uma eterna insatisfação, que se desdobra e supera para poder pertencer e acompanhar - como se tivesse super poderes. Há porém, em contraste e em concordância, o questionar diário na busca de uma transcendência, de um reconhecimento, que parece ser sempre impossível de alcançar. Diariamente neste desencontro, neste contratempo, ambicionando o céu - contra o tempo, contra nós.

bio

c'marie é Constança Bettencourt, uma artista plástica portuguesa que procura a sua expressão alternando entre desenho, escultura, pintura, aquarela e acrílico, pintura de murais e, mais recentemente, através da vertente digital. A sua identidade visual assume e mantém os traços iniciais da construção gráfica, as linhas exploratórias, em concordância e simultaneamente em contraste com a plasticidade da cor, aquando da captação de rostos, expressões e gestos. Licenciou-se em Escultura pela FBAUL, integrou o programa Erasmus em Escultura, na Accademia di Belle Arti, Florença, e é mestre em Artes Plásticas, ESAD.CR.



Praça da Fruta

DANIELA FORTUNATO



Ilustração digital, Impressão jato de tinta, papel semi mate 200gr.
50 x 70 cm
2022

sinopse

Nas Caldas da Rainha existe ainda ativamente uma tradição que é única no país: a praça da fruta, um mercado diário ao ar livre, onde produtores locais vendem os seus produtos. Este conjunto de ilustrações pretende preservar e valorizar numa composição visual, este que é um exemplo de cultura local, da minha zona, que ainda conseguimos que se mantenha ativa. O conjunto é composto por três ilustrações onde é possível observar a praça, desde o vendedor até à sua vista aérea, numa tentativa de transmitir o ambiente da mesma. Estas ilustrações foram desenvolvidas ao longo do ano de 2022.

bio

Daniela Fortunato, 23 anos, natural de Caldas da Rainha. Licenciada em Design Gráfico e Multimédia pela Esad.CR, onde atualmente se encontra a terminar o mestrado também na área. Como principal *hobby*, e a perspectivar ambiciosamente ser algo mais que apenas isso, tem a ilustração. Através dela pretende representar situações, ideias, pessoas, entre outros, através de um olhar colorido e amigável. Para além da ilustração, é membro da dupla DAFLA, que desde 2020 desenvolve pinturas murais.



Fotografia e cerâmica. Impressão Inkjet a cores sobre papel mate de algodão de dupla gramagem, montada em moldura de grés. Impressão a cores sobre baquelite montada em caixa de luz em grés e estrutura de madeira. 27 x 27 x 2,5 cm e 14 x 23 x 123 cm. 2017

sinopse

A presente obra propõe um olhar atento e silencioso, de quem olha pela fechadura ou por trás do pano, como um *voyeur* e entra no privado, na intimidade do outro. Por ter sido pensada em co-autoria tem nela várias cargas simbólicas que se prendem com lugares íntimos, mas distintos ainda que com pontos comuns aos seus autores.
«Espero-te aqui, flutuante, envolta em nada. Quero-te todo. Corpo presente. Alma também. Os teus braços, o meu colo, o nosso calor fecundo. Aqui, mas fora disto tudo. Anda, espero-te aqui.»

bio

Eva Couteiro nasce em Dezembro de 1994, no Porto, Portugal. Licenciada em Artes Plásticas - Ramo de Escultura na Faculdade de Belas Artes do Porto, Portugal. Participa em exposições colectivas desde 2013. Vive em Ovar e actualmente conjuga a maternidade e a produção artística.
João Salgueiro Baptista (1994), português. Licenciado em Artes Plásticas no ramo de Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Tem um mestrado em Fotografia Artística pelo Instituto de Produção Cultural e Imagem. Vive e trabalha no Porto. É membro do Atelier Caldeiras.



Inspiro quando saís, inspiro quando chegas. O sono.

EVA COUTEIRO
E JOÃO RENATO
SALGUEIRO BAPTISTA

As Lavadeiras

FLÁVIA MARTINS
E DANIELA FORTUNATO



Pintura mural em cal, localizada em Olho Marinho, concelho de Óbidos, Leiria.
7 m de altura
2021

sinopse

“As Lavadeiras” trabalha a identidade local da aldeia do Olho Marinho, numa representação das mulheres que iam até à fonte para lavar as suas roupas. Este espaço é uma das principais atrações da terra, e este mural espelha a realidade diária lá passada em meados dos anos 50.

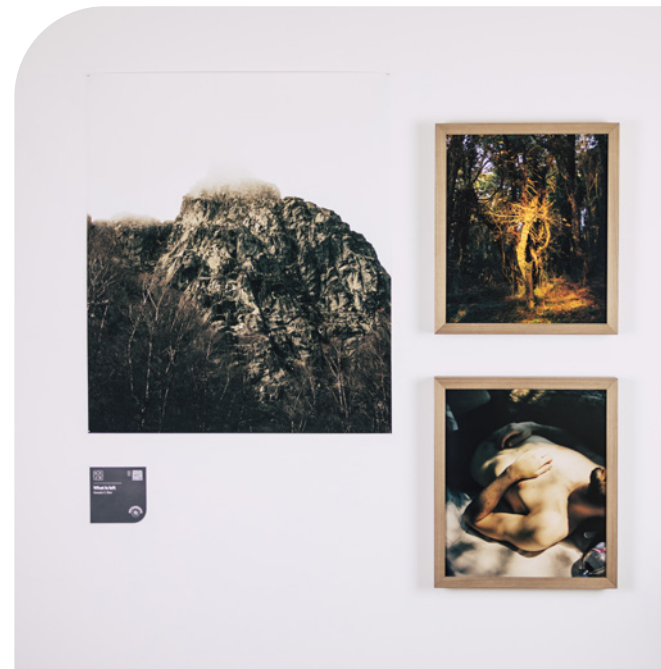
A cal surge como matéria prima, característica típica da vila de Óbidos, onde o tempo é médium. A efemeridade da obra resulta de fenómenos exteriores por nós artisticamente assumidos, que conferem ao mural agora e no pós-desenvolvimento o cariz dinâmico e evolutivo que o define.

bio

Dafla. Dupla formada em 2020 com o intuito de desenvolver pinturas murais. Composta por Flávia Martins de 23 anos, licenciada em Design Gráfico e Multimédia pela ESAD.cr, atualmente em mestrado na área da Educação em Artes Visuais na Universidade do Porto; e Daniela Fortunato de 23 anos, licenciada em Design Gráfico e Multimédia pela ESAD.cr, onde atualmente se encontra a terminar o mestrado na mesma área. Para além da arte urbana tem um gosto especial pela ilustração que conta levar longe futuramente.

What is left

GONÇALO C. SILVA



Fotografia analógica 120mm a cores, Impressão em papel Fineart 310grs., moldura de madeira mansônica e vidro antireflexo.
#1 85 x 100 cm, #2 41 x 48 cm, #3 41 x 48 cm
2021-2022

sinopse

O experienciar de um lugar pelo ser humano é indissociável da sua vivência anterior e das relações profundas que procura estabelecer com o mesmo. Os romanos usavam o termo latim “Genius Loci” para definir espírito de um lugar habitado, a característica mística e efémera que nos faz sentir que lhe pertencemos.

“What is left” é um projeto fotográfico que procura explorar essa ideia de pertença a um lugar e a possibilidade de encontrar o sentimento de “casa” mesmo nos sítios onde menos se esperaria. A paisagem é o pretexto para um questionamento, onde o acaso se torna habitado e o banal se confunde com o magnífico.

bio

É licenciado em Design de Comunicação (2015-2018) pela FBAUL, encontrando-se atualmente a realizar o curso de Projeto de fotografia e construção de um livro (2021-presente) no Atelier de Lisboa e um mestrado em Comunicação e Artes na NOVA FCSH (2022-presente).

Em 2022 realizou a residência artística Serra do Açor (2022) orientada pelo artista Jem Southam.

Em Novembro de 2021 recebeu uma menção honrosa na VII edição do Prémio de Fotografia de Sintra, participando na exposição das obras premiadas em Fevereiro de 2022 realizada no Museu das Artes de Sintra.

Altarino

MAB.KO



Engobes e vidrados sobre grés, 18 x 18 x 40 cm.
Engobes e vidrados sobre faiança 20 x 20 x 35 cm.
Engobes e vidrados sobre grés 18 x 25 x 47 cm.
2021

sinopse

Altarino é uma coleção de três peças de cerâmica. Cada escultura exhibe as suas próprias formas, cores e motivos, ao mesmo tempo que fazem parte do mesmo ambiente. Na sua relação com o sagrado e em busca de outra linguagem gráfica, a artista desenvolve um alfabeto composto por símbolos e padrões geométricos. Sensível à relação entre rito, crença e objecto arquitetónico, ficou fascinada com os altares presentes em cada esquina das ruas de Nápoles, que descobriu durante uma viagem. Entre figura e arquitetura, as cerâmicas de Altarino dão forma a novos arquétipos.

bio

Mab.ko é uma artista plástica radicada no Porto, Portugal. Formada como arquiteta em França, a sua prática está integrada na investigação em escala de design e composição. Segue um protocolo de trabalho bidimensional no qual o desenho é o meio fundamental, bem como a questão dos padrões e formas arquetípicas. Envolve-se numa abordagem sistemática e ritualista onde cada pesquisa de desenho resulta numa colecção de ilustrações. O seu corpo de trabalho toma forma principalmente numa série de objectos e pinturas que são tanto o aparelho como a própria obra de arte, provenientes de projecções directas das ilustrações.



Tinta acrílica a trincha e pincel. Mapa ilustrado impresso A3, fotografias impressas das intervenções feitas na rua, cordel e alfinetes.
2021-2022

sinopse

Histórias Viandantes é um projeto que mistura literatura, ilustração e arte urbana para tentar dar voz às ruas e pôr a cidade a contar-se a ela própria. A partir da recolha de histórias locais, fantasiaram-se os contos, que deram origem às ilustrações e acabaram nas paredes de algumas ruas, em Viana do Castelo. Em qualquer narrativa há um caminho: vamos do início para o fim, se não na história, no nosso entendimento no mínimo.

bio

Rui Miguel Cerqueira Coelho é natural de Viana do Castelo e formado em Biologia. Tem dois livros publicados e a felicidade de ter recebido alguns prémios literários (Nortear 2016, Branquinho da Fonseca: Literatura Infantil 2019, Jovens Criadores: Literatura 2021). Maria Luísa Cerqueira Coelho nasceu em Viana do Castelo e estudou Design de Comunicação, na FBAUP, no Porto. Fundou a editora Truz Truz, em conjunto com amigos, onde trabalha como designer e ilustra livros que acredita não terem idade. Ganhou o prémio Jovens Com Talento 2020, promovido pela Câmara Municipal de Viana do Castelo.



Histórias Viandantes

RUI MIGUEL CERQUEIRA COELHO E MARIA LUÍSA CERQUEIRA COELHO

To the Art Collector

TIAGO LEONARDO



Impressão a jacto de tinta sobre papel
fotográfico, letras em vinil adesivo sobre vidro.
70 x 100 cm
2022

sinopse

Esta obra pertence a um conjunto de trabalhos intitulados “Black Works” que procuram utilizar a vertente ensaística, que a fotografia a preto e branco permite, reforçada mais ainda pelos fundos negros, como forma de explorar e pensar individualmente temas essenciais às práticas fotográficas no contexto das artes visuais. Pretendem ser signos e não símbolos, abrindo espaço para que o espectador decida o que estes significam, sem respostas erradas, partindo do objetivo para chegar ao subjetivo. Numa superfície espelhada, o espectador vê o seu próprio reflexo. Não é apenas o mercado que está em causa.

bio

Tiago Leonardo (2000) vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Ciências da Arte e do Património na FBAUL, e frequenta atualmente o último ano do mestrado em Estética e Estudos Artísticos com especialização em cinema e fotografia (FCSH).

O seu trabalho tem vindo a refletir a fotografia e o fotográfico no contexto específico das artes visuais, revelando o privilégio da formação teórica à prática. Surge como uma ideia, sendo a prática a mera execução da mesma.

Ainda que com uma prática artística bastante recente, iniciada no ano de 2021, o artista conta já com diversas exposições coletivas, prémios e residências.

Fragilidades

Partindo do encontro connosco mesmos/as/ /es, com as histórias que cada pessoa espelha, afunilamos o nosso olhar para as fragilidades, que podem tomar várias formas. Estas acolhem os motivos por detrás das lutas sociais, os eventos que nos fazem questionar o rumo da sociedade nas mais variadas vertentes da vida, assim como as várias formas de resistência que surgem como resposta. Que preocupações assolam as mentes dos jovens criadores? Questões ambientais que não dispensam o elogio à perseverança da natureza; os processos que levam à perda de identidade, seja individual ou coletiva; protestos a tradições; dúvidas em relação ao futuro que evidenciam uma crise geracional; a pressão para o sucesso, por vezes, empolada pela síndrome do impostor; o entendimento do conceito de posse; os estereótipos e preconceitos que se elevam na face dos desafios de saúde mental; ou as guerras que vitimam inocentes e põem em causa a vivência de um amanhã.

Vencedora

Ruderal

GIULIA YOSHIMURA
PESTANA



Pedra, Acrílico.
17 x 14 x 2,5 cm
2022

sinopse

A obra é composta por uma pedra encontrada em entulhos, com uma das suas faces pintada com tinta acrílica. “Ruderal” é o título da obra, e também o nome dado às comunidades ecológicas que se desenvolvem em ambientes perturbados pela ação humana, retrata o suspiro de beleza e o símbolo de resistência da natureza perante o descanso humano.

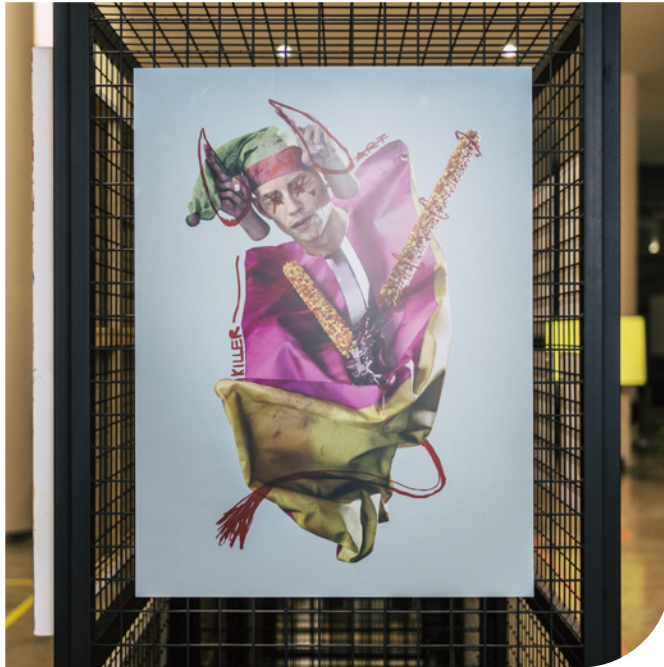
A pesquisa da artista através da arte urbana é redirecionar os olhares das pessoas para a vegetação sucumbida pela cidade, assim como as plantas ruderais, trazer cor e vida para os muros cinzas.

bio

Giulia Yoshimura (Brasil, 1997), residente em Portugal, com descendência japonesa, formada em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP), e atualmente mestranda em Artes Plásticas na Universidade de Belas Artes do Porto, atua como artista plástica e muralista. O seu envolvimento com a arte deu-se desde a infância, mas a sua trajetória profissional iniciou-se em 2015, encontrando na flora a sua inspiração e, dessa forma, mergulhando a sua produção na arte botânica. A sua obra procura, a partir de um olhar atento às peculiaridades da morfologia e fisiologia vegetal, relembrar a importância das plantas e flores, e a sua relação com os seres humanos.

Pega de Cara

ANDRÉ KOSASIH



Arte Digital, Cinema 4D, Marvelous Designer, Substance Painter, Procreate, Adobe Photoshop.
Papel Couché 350g
594 x 841 mm
2022

sinopse

A tourada é defendida por ser arte e cultura. Uma “arte” que valoriza o sofrimento, a dor e tortura constante?

Esta obra foi criada como protesto contra a tourada, utilizando vários símbolos como a capa da muleta, o forcado e as “bandarilhas” espetadas na coluna, que muitas vezes são a última experiência que o touro tem, condenado à arena.

bio

Nasci em Inglaterra, metade português, metade indonésio. Atualmente exploro o mundo criativo depois de ter terminado a licenciatura em Design Gráfico e Multimédia em Caldas da Rainha, Portugal. Para além de Designer, sou também dançarino de danças urbanas.

Os peixes grandes comem os pequenos

CAROLINA RAINHO



Pastel de óleo sobre tela
150 x 200 cm
2022

sinopse

“Os peixes grandes comem os pequenos” é uma crítica ao valor que damos atualmente à nossa pegada digital dentro de plataformas sociais. Aspiramos a ser como os “peixes grandes” que “comem os pequenos”, fazem-nos consumir e desejar ser como eles. A nossa visão da sociedade e do que é *trendy* é alterada face ao que os utilizadores destas plataformas consideram como o correto. Consumimos a um nível exorbitante e destruímos a passos largos do nosso planeta (*fast fashion*). Perdemos a nossa essência e aquilo que nos torna únicos, para nos inserirmos nos padrões sociais.

bio

Nascida em Ponta Delgada, licenciuei-me em Design de comunicação pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2016-2019) e tirei uma Pós-Graduação em UX/UI Design pela mesma instituição (2020-2021). As minhas obras tendem a ser uma reflexão dos meus sentimentos, dúvidas e curiosidades. Em paralelo com as minhas emoções, gosto sempre de fazer uma crítica social e consciencializar o observador face às suas atitudes e ao seu desempenho na sociedade. Inspirada por imagens fragmentadas que guardo na minha memória, crio representações de modo abstrato, como se de uma memória turva se tratasse.

O tatu

MADALENA HIPÓLITO



Barro vermelho com vidrado branco.
24 x 35 x 20 cm
2021

sinopse

Através de um estilo figurativo mas não realista, esta peça apresenta-se ao espectador como algo ambíguo.

Nesta peça, o tatu apresenta-se numa posição vulnerável e de perigo mas está a sorrir e de olhos fechados, concretizando-se assim num paradoxo. O animal ignora a sua situação de risco ao assumir uma postura descontraída, demonstrando-se recetivo ao espectador. O facto da carapaça deste tatu apresentar um padrão constituído por bolinhas e formas abstratas e da peça ser toda branca, invoca a ideia de este não pertencer ao mundo animal, mas sim ao mundo artístico. O seu *habitat* é uma galeria e não a vegetação.

bio

Madalena Hipólito, 1997. É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes Lisboa. Em 2021 participou na exposição coletiva "Finalistas Pintura 2019.20" na Sociedade Nacional de Belas Artes, realizou uma exposição individual "Paródia" na Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva e foi-lhe atribuída uma menção honrosa na "1ª Bienal de Jovens Criadores de Mafra". Em 2020 recebeu o prémio de pintura "Alunos da Fbaul na Ermida", na Travessa da Ermida e em 2019 participou na exposição coletiva "A Ilustração na Obra de Irene Lisboa", no centro cultural do Morgado.



Escultura em vidro reciclado sobre tinta d'óleo s/papel.
40 x 37 x 5 cm

O mar torna o horizonte numa miragem

MARGARIDA ANDRADE

sinopse

A ideia é atual e torna-se premissa pela urgência: a atividade turística nas ilhas do arquipélago tem vindo a aumentar exponencialmente, o que, numa relação causa-efeito, se traduz (não exclusivamente) na urbanização das suas ambiências naturais. Esta invasão vem agitar, ainda que de forma gradual, a quietude e aparente estagnação que muitas vezes advém das próprias condições arquipelágica e periférica. É neste contexto, tão novo e intenso, que surge uma necessidade (e obrigação) de rever as suas consequências, tanto positivas como negativas – especialmente em relação a uma objetificação das paisagens açorianas por parte de um mercado turístico em crescimento.

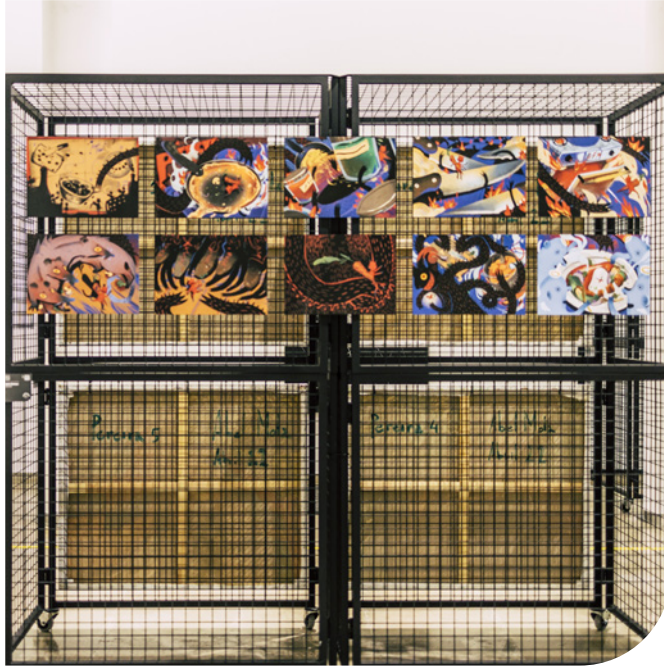
bio

Nasci na ilha de São Miguel e aos dezoito anos segui rumo a Lisboa para estudar Pintura na Faculdade de Belas Artes. Fui selecionada para representar Portugal no Art Camp em Andorra (2016) e Malta (2017), ambos organizados pela UNESCO, proporcionando-me outras exposições coletivas nos continentes europeu e americano. Em 2019, expus na Sociedade Nacional de Belas-Artes e venci os Prémios CAT apresentados na Casa das Artes de Tavira (Algarve). Atualmente, tenho patente a 3ª exposição em nome próprio, "No futuro também se usavam pincéis", no Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas.



Hell's Kitchen

RICARDO RITO



Ferramentas digitais
A4
2022

sinopse

Hell's Kitchen é um livro de ilustração, sem palavras, constituído por 10 páginas que depictam a esperançosa fuga de um pequeno diabo do seu inferno culinário. O livro foca-se na busca de ritmo e movimento e na rápida construção da narrativa, através de sequências que tentam provocar no leitor um sentimento de urgência e *suspense*, que tem fim numa atmosfera comico-irónica. Todo o trabalho foi feito em suporte digital.

bio

Ricardo Rito é um ilustrador e *concept artist* alentejano baseado em Lisboa, onde vive e estuda presentemente. Licenciado em Desenho na Faculdade de Belas Artes da UL, é lá que se encontra a realizar o mestrado na mesma área. O seu trabalho, em suporte quase exclusivamente digital, foca-se na criação de universos e personagens usados para compor narrativas, variando em estilo e contexto, sendo notória a influência da cultura cinematográfica e dos videojogos.

Metamorfoses

Perante as turbulências do dia a dia e os temas que nos inquietam e fazem sentir as fragilidades de uma sociedade na pele, urge a necessidade de transformação, recriação, superação e reinvenção. As formas mesclam-se, aglomeram-se, transmutam-se e brindam-nos com novos seres, visões e mentalidades. Que significados atribuímos à realidade que nos rodeia? Que plasticidade tem o mundo que construímos? Que caminhos queremos cimentar para que um amanhã possa chegar com um tom de esperança?

Aqui exploramos a certeza da mudança aliada à dúvida do destino. Somos impelidos para a transformação, mas não temos a certeza para onde. É um elogio à tranquilidade da indecisão, do tempo de exploração, da vontade de procurar primeiro o caos e só depois a ordem.

Vencedora

Lobacobra

CLARA LEITÃO



Pintura com corantes têxteis sobre tecido de linho, costura à máquina e manual com linha de algodão.
145 x 80 cm
2022

sinopse

«Lobacobra» ilustra um ser inventado: parte cobra, parte loba ou cão. Este ser, grande o suficiente para engolir uma pessoa (e de dentição aterradora) é também uma fonte na qual três humanos se banham alegremente. Esta «Lobacobra» pode, por um lado, ser vista como um monstro, mas também como um animal que nutre a vida ao fornecer água. E quanto à pessoa dentro da sua barriga, terá sido engolida ou será que está para nascer? Nas minhas ilustrações procuro esta ambiguidade que é também frequente nas fábulas, onde o inédito, o cómico e o aterrador andam de mãos dadas com o poético e o maravilhoso.

bio

Clara Leitão (1995, Lisboa), estudou na Escola Artística António Arroio (2014) e licenciou-se em Design Têxtil pela School of Textiles & Design, na Escócia (2019). Estudou Têxteis no National Institute of Design, Índia (2018). As suas pinturas, inspiradas em histórias, sonhos e observações da natureza, habitam o papel e os tecidos. Recebeu o prémio The Clothworkers' Printed Textile Design Prize, em Londres (2019), completou residências artísticas na Dinamarca, Portugal e Bulgária e realizou uma escultura pública num parque dinamarquês com crianças de uma escola primária (2022). Vive e trabalha em Estremoz.

Cãofrontos de gestos

CAROLINA GARFO



Modelação Rolos e Moldes por decalque e cozedura a 1150º em forno a gás com redução. Grés, engobes cerâmicos e vidrados cerâmicos. 48 x 80 x 35 cm 2020

sinopse

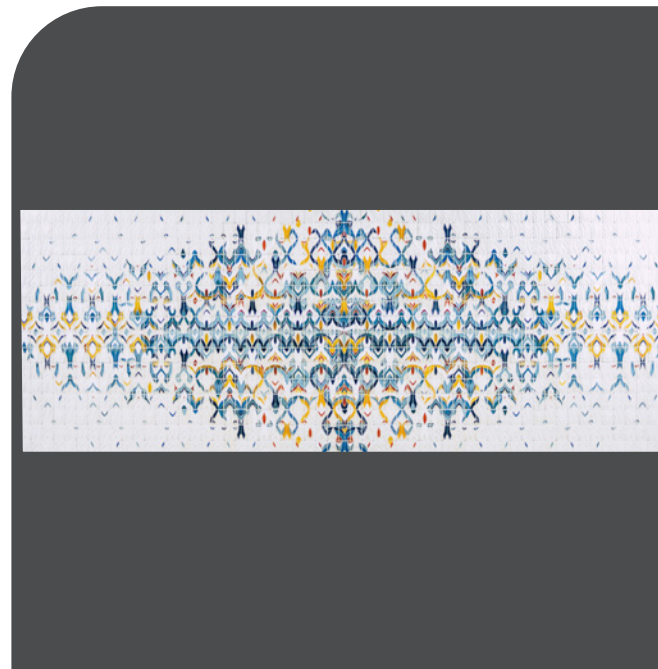
Cãofrontos de Gestos, são as Metas das Morfofos. Relações que se constroem com gestos pela comunicação. Por vezes, sem as palavras, ganham jeitos grotescos. Uma “Cãofusão” de interpretações. Um mexe-se e outro assusta-se. Tem calma! Não é intencional, faz tudo parte de uma “traíçoira” inconsciência cultural. Prendemo-nos à língua, perdemo-nos nos gestos. Metamorfose de bichos e humanos. De humanas mãos. Que deformadas. Na realidade as mãos já nem servem para nada. Em tempos, já foi um outro cérebro. Sem mãos a medir, está nas tuas mãos decidir ou fico de mãos a abanar. Nem consigo pedir de mão beijada, mas que “Caofusão” de gestos.

bio

Sempre com um bichinho dentado atrás da orelha, Carolina Garfo nasce e cresce rodeada pela cerâmica de Maria Carvalho (mãe) e de José Teixeira (pai). Após se ter licenciado em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da UL (2015) e ter integrado um programa de estudos em Práticas Artísticas na Maumaus (2016), decide regressar ao ninho e concentrar-se nos encantos da cerâmica. Sediada actualmente na oficina e galeria Arte da Terra, Carolina Garfo explora o barro dando voz e espaço a criaturas e ambientes do seu imaginário incansável. Com gosto e carinho também tem estado atenta às culturas e tradições locais, algo que se preocupa em valorizar e preservar nas gerações contemporâneas.

Derivações de 5

CRISTIANA SANTOS



Enchimento de moldes com faiança, pintura manual, cozedura em mufla cerâmica a baixa temperatura (1020º). Faiança de baixa temperatura, vidrados. 912 azulejos, moldura de metal com base em contraplacado. 219 x 84 x 3cm. 2019

sinopse

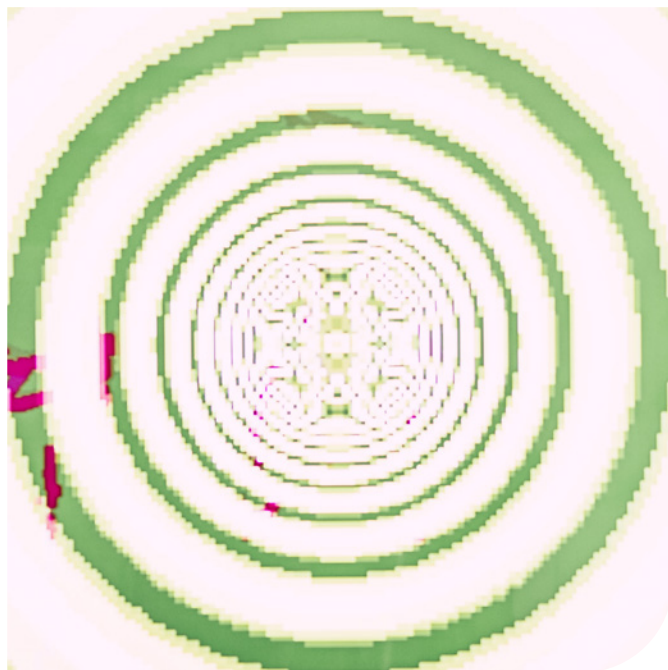
Uma simples célula orgânica pode transformar-se num complexo sistema quando multiplicada e combinada com outras. Isto é quem nós somos: a simplicidade tornada complexa. Enquanto Derivações de 5 se apresenta como uma composição intrincada, ela é composta apenas por cinco elementos que se combinam de diferentes maneiras, como um puzzle sem encaixe pré-definido, criando infinitos padrões que se definem, ou não, através das cores. Esta é a terceira composição de uma série de quatro, cada uma com a sua própria narrativa que se traduz com linhas, formas e cores que abrem a imaginação para diferentes impressões.

bio

Cristiana Santos é licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2015), e mestre em Ensino de Artes Visuais no Ensino Básico e Secundário, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (2022). Acredita que as práticas artísticas são ferramentas altamente potenciais para desenvolver uma postura mais atenta, sensível, crítica e reflexiva sobre a realidade, trazendo esse foco para o seu trabalho artístico e educativo. É, também, professora de cerâmica para adultos e crianças em atelier próprio.

The Dance of the Spectator

ISABEL REGO RAPOSO



Arte generativa interativa: algoritmo de criação automática de animações a ser exibidas em ecrã, imagem capturada por câmara em tempo real influencia as cores do próximo frame a ser exibido. 2022

sinopse

É apresentado um sistema interativo que cria e exhibe animações abstratas. As animações são obtidas de forma automática e aleatória, ao combinar entre si diversas expressões matemáticas que podem evoluir com o tempo. O movimento detetado por uma câmara influencia, por sua vez, os desenhos e cores apresentados. Procura-se explorar o conceito de espectador, já que tanto os píxeis dançam no ecrã para a audiência, como o sistema observa os movimentos do público. Também surgem questões quanto ao valor artístico das animações geradas. Já que o sistema funciona de forma autónoma, será que podemos dizer que é criativo?

bio

Isabel Rego Raposo é formada em física e informática. Cresceu na ilha de São Miguel, nos Açores, e encontra-se a residir em Lisboa, a explorar arte visual e arte computacional. Apesar do seu gosto por desenho desde criança, a sua mente curiosa levou Isabel a licenciar-se em física. O mestrado, focado em inteligência artificial, culminou na redescoberta do seu gosto por projetos criativos, ao investigar criatividade computacional para a sua dissertação. Agora, Isabel usa as ferramentas adquiridas no seu percurso multidisciplinar para explorar ligações entre a criação artística e processos computacionais.



192 páginas, 300g Papel Muncan 90g (Miolo) e 300g (Capa), Impressão Fotomecânica Molográfica, S.A; Encadernação Ana & Carvalho, Lda, Tipografia Suisse Intl Inferi. 210 x 120 mm, 15 mm lombada. 2022.

sinopse

Magnetic Fields Reimagined converge os conceitos de surrealismo e inteligência artificial ao produzir uma reinterpretação do primeiro trabalho literário surrealista, a obra "The Magnetic Fields" (1920) de André Breton e Philippe Soupault, utilizando-a como objeto de estudo e exploração de conteúdos. Foi desconstruída através de processos automáticos contemporâneos, mecanismos de *machine learning* (RNN e VQGAN+CLIP), que geraram, através de *inputs* do livro original e obras surrealistas, o texto apresentado e as contribuições visuais da obra, obtendo resultados praticamente idênticos, mas metodologias diferentes.

Magnetic Fields Reimagined: Where Surrealism and Artificial Intelligence Meet

LEONOR MENDES,
ANA MARTA MARTINGO E
BEATRIZ CAETANO

bio

Leonor Mendes, licenciada na Escola Superior de Artes e Design (ESAD) em Design de Comunicação, iniciou o seu percurso na Escola Artística de Soares dos Reis num curso com especialização em Design Gráfico. Ana Marta Martingo ingressou em 2018 no curso de Artes Visuais e Tecnológicas na Escola Superior de Educação, que lhe permitiu desenvolver apetências manuais e artísticas, como a cerâmica, pintura e desenho. Beatriz Caetano interessa-se pela arte nas suas mais variadas vertentes, mas gosta principalmente de música e de perceber de que forma é que o design a pode complementar.



Destruição como Construção

MARIA JOÃO CAMPOS
GONÇALVES



Escultura cerâmica, cimento, ferro,
cerâmica vidrada.
Dimensões variadas
2021-2022

sinopse

“Destruição como Construção” é um projeto que tem como base a memória (como arquivo volátil de imagens e vivências), a destruição (como gesto físico mas também como desaparecimento e/ou rutura), a construção (processo pela qual materializei as ideias e pensamentos), as ruínas (o fascínio estético pelas mesmas e qual a ligação da destruição com estas) e o contacto (com e entre as matérias).

A casa, o lar, é um espaço de construção de memórias e “... cada um de nós traz em si a memória, em grande parte inconsciente, de todas as arquiteturas que encontrou; e cada arquitetura, mesmo que de modo não palpável” (Faria, 2022).

bio

Maria João Gonçalves tem cabeça, tronco e membros e é natural de um lugar onde não gosta de viver, a Trofa. Começa o seu percurso artístico na Escola Artística Soares dos Reis, no Porto, e em Julho de 2022 torna-se licenciada em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas pelo IPVC. De momento, anda sedenta por manifestar a sua criatividade, põ-la em prática. Tem várias áreas de interesse como a Escultura Cerâmica, a Fotografia Analógica, o Cinema, Curadoria, dificultando por vezes o rumo do seu percurso artístico.

Corpo Paisagem

NAIDA



Projeto em série de sobreposição, uso das técnicas de fotografia, edição de imagem, colagem, impressão em Papel Acetato transparente e sobreposição.
60 x 75 cm. 2022

sinopse

O corpo feminino desfragmentado, desfeito e desfigurado. Desmontado e voltado a montar. Reorganizado criando uma nova forma. Na imensidão do vislumbre, ao perto denota-se, aqui e ali, pedaços de corpo, talvez de gente. Mas de longe, apenas a mancha criada pelo amontoado de antigos seres. A mistura da sensualidade carnal com o vislumbre da natureza. O mais puro e belo respingo visual combinado com o detalhe de uma beleza mais banal. O emaranhado das silhuetas atulham-se, caídas no chão.

bio

Artista *freelancer*, modelo e fotógrafa, dominando áreas desde a multimédia às artes plásticas. Portuguesa, 21 anos. No seu percurso académico carrega uma licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias (2022), onde desenvolveu um olhar mais atento e um trabalho mais desprendido de preconceitos e de preocupação com o erro. Desenvolve projetos sempre com um grande senso crítico e uma pitada de ironia, na procura de despertar novos sentidos em outras áreas dentro do vasto mundo das artes, sempre presa aos ideais que a movem.

Matéria Prima

PATRÍCIA MARINHO
OLIVEIRA



Arte Digital, Impressão Offset sobre papel 300g.
30 x 40 cm
2022

sinopse

A criação faz-se de matéria. Pensar em matéria é pensar em essência, o fundamental, o princípio. Observamos a natureza para criarmos novos mundos, é na natureza que encontramos as ferramentas para a criação. Para criarmos observamos e transformamos, damos à forma uma metamorfose e é no processo criativo que ocorre a transformação dando lugar ao novo, à criação.

Esta é uma representação da vida vegetal, mineral, animal e humana, numa coesão de elementos que torna o seu conjunto paisagem em que a intenção do artista com o espectador é o apelo à observação do *habitat* na busca do desenvolvimento criativo.

bio

Patrícia Marinho (Guimarães, 1995) explora nas suas obras as possibilidades de expressão ao inspirar-se por aquilo que a rodeia. Nas suas peças são recorrentemente representadas figuras do dia a dia, sejam humanas ou orgânicas. Evidencia-se a importância da pesquisa no processo criativo da artista pela influência das linhas minimalistas que tornaram possível a construção de um traço facilmente reconhecível. Atualmente, trabalha como *freelancer* nas áreas da ilustração e do design gráfico, continuando a marcar presença na cultura da cidade de Guimarães.



Fotografia com moldura.
85 x 54 cm
2022

TRASH ART GALLERY

RAFAEL ALVES

sinopse

"TRASH ART GALLERY" propõe um olhar divergente ao local de contemplação de obras, assim como ao espectador. A extensão espacial do projeto nasceu com o propósito de responder a esta premissa.

A categoria a que esta obra concorre, "Arte Urbana", pode levantar algumas questões expositivas: "Qual será o local e o contexto em que deverá ser exposta? Faz sentido o transporte da peça?" Este foi o mote para a criação do projeto.

Por via de uma intervenção *site specific*, a pintura expande-se para o espaço, exterior e urbano, e transforma-o também num objeto de contemplação.

bio

Rafael Alves, nascido em Braga, 1998. Em 2017, integrou a licenciatura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em Artes Plásticas, no ramo de Pintura.

Atualmente, a vertente escultórica integra um papel cada vez mais importante no trabalho. Com recurso ao desperdício de matéria-prima, que frequentemente existe, tanto na indústria como no dia a dia, a exploração tridimensional começa a nascer.

Os objetos utilizados derivam de outras funcionalidades. A reconstrução e a renovação de ideias está presente em cada peça. O reaproveitamento e a inclusão de algo que foi descartado. Um novo ciclo.



Parcelas

RAFAEL RAPOSO PIRES



Impressão a jacto de tinta sobre papel de algodão, moldura em alumínio preto com vidro.
120 x 80 cm
2022

sinopse

A fotografia Parcelas (2022) pertence a um extenso corpo de trabalho que está a ser continuamente produzido, relacionado com a organização do território, a sua gestão e transformação. Mostra uma paisagem dividida em parcelas através da construção de muros. É visível o estado de abandono ou de repouso do loteamento, dando espaço à vegetação para voltar a crescer. Uma obra que aparenta já nascer ruína, uma ruína que se multiplica. (Faria, 2022)

bio

Rafael Raposo Pires é um artista visual português com uma Pós-Graduação em Discursos da Fotografia Contemporânea, pela FBAUL. O seu trabalho consiste em fotografias produzidas ao longo de derivas pedestres feitas em diversas áreas urbanas. Iniciou a sua prática observando elementos improvisados que o levaram a questionar o distanciamento entre o planeamento urbano e o modo de viver um espaço construído, publicando o *photobook* Alone Together (2017) sobre esse tema. Tem também produzido vídeo-performances relacionadas com o corpo e o seu movimento numa determinada paisagem, e sobre os limites do desgaste físico.

Ídolos Adiadados

THIAGO BÜHRER



Matéria orgânica (cascas de cebola, de banana, de abacate, folhas secas, grama seca, serradura, esterco), sulfatos diversos (de ferro, de cobre), bicarbonato de sódio. Sagggar Firing. 2022

sinopse

Ídolos Adiadados trata-se de uma exposição de peças de sagggar, ou seja, peças de cerâmica cujo método de cozedura (de origem chinesa) visa embalar os vasos no interior de outro corpo cerâmico e levá-lo ao fogo juntamente com matéria orgânica. O resultado são impressões etéreas e dinâmicas que refletem a beleza espontânea da natureza. Com Ídolos Adiadados, o autor propôs-se a abrir uma discussão sobre o papel da arte ancestral da cerâmica, cuja função já terá sido, para além do funcional e do ornamental, ser uma ferramenta do espírito.

bio

Thiago Bühler, natural do sudeste do Brasil, é designer gráfico, artista multidisciplinar, fotógrafo e ceramista. Formou-se na área do audiovisual pela Faculdade de Artes do Paraná e, mais tarde, concluiu um mestrado em multimédia pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Descobriu a paixão por cerâmica em Portugal e começou a pesquisar métodos alternativos de cozedura e impressões com matéria orgânica. Atualmente é um dos artistas residentes do atelier Tabula Rasa, e vem desenvolvendo projetos artísticos no Espaço Musas na área da cerâmica.

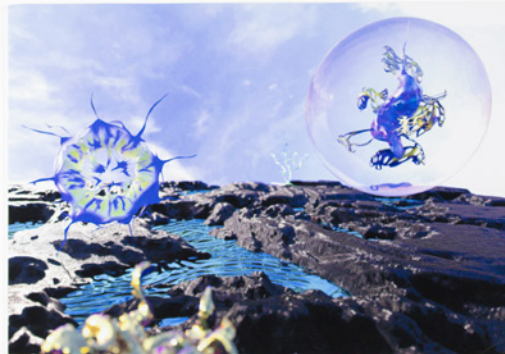
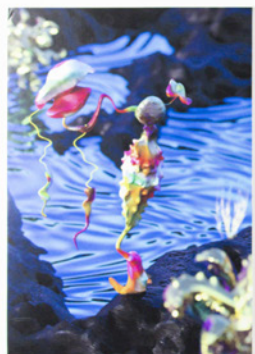
Futuros

Olhando para o futuro, aqueles que pressentem um abismo procuram refletir sobre o que virá. O que acontece quando não se salvaguardam as fragilidades? O que fica quando se veem ceder as resistências? O que surge quando há transformações que falham ou que ficam por fazer?

Reunimos, neste espaço, reflexões sobre o futuro, que, mesmo quando aparentemente fatalistas, contêm em si próprias possibilidades, desafios e alternativas. Nascem lugares onde o real e o imaginário se fundem através de práticas artísticas que se mesclam e se questionam entre si e ao público, lugares que não existem, onde o confronto se concebe como produtivo e produtor de resistências.

Nascem futuros sem protagonistas, sem formas exatas, sem categorizações ou certezas. Futuros, no plural, porque se querem múltiplos.





Vencedor Plasticine

DANY MARQUES FERREIRA

Modelação 3D, renderização em imagens fixas e imagem 360°.
118,8 x 84 cm
2022

sinopse

Plasticine apresenta-se num possível cenário de um museu de história natural, em que os seres (que se cruzam na interface natural/ /artificial), são fotografados por novas espécies não identificadas que se apresentam centenas de anos depois, testemunhando a influência extrema que o ser humano deixou no planeta após a sua extinção.

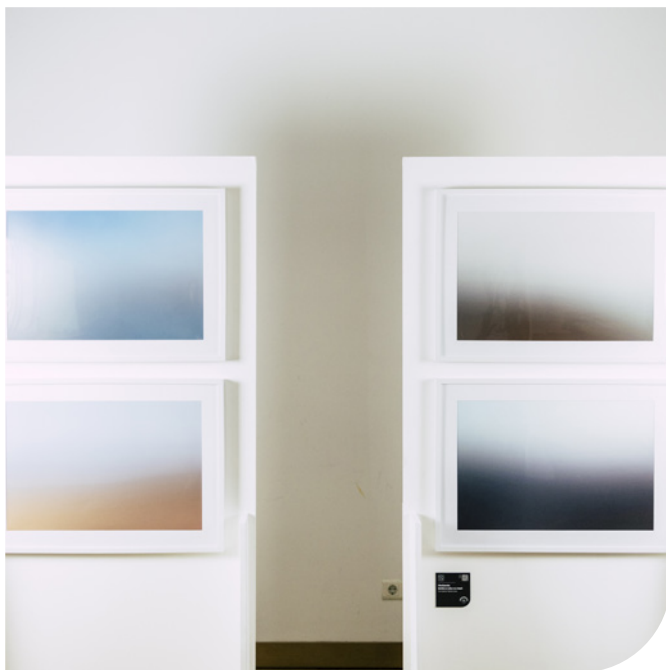
A exploração, modificação genética e desprezo pelas necessidades da Mãe Natureza, resultaram na extinção em massa de espécies e, conseqüentemente, a seleção das mais resistentes que têm agora uma aparência artificial e irreconhecível.

bio

Dany Marques Ferreira tem 22 anos e desde cedo se mostrava uma criança criativa. Aos 8 anos surgiu a oportunidade de aprender pintura onde teve o primeiro contacto com esse mundo. No ensino secundário frequentou um curso profissional de artes do espetáculo, permitindo-lhe integrar emoções humanas na expressão artística. Atualmente frequenta a Licenciatura em Artes Plásticas e Multimédia, onde desenvolve habilidades artísticas e técnicas e aprofunda conhecimentos em diversas áreas, que permitem manipular diferentes materiais e programas. Enquanto criador, interessa-lhe experimentar vários meios artísticos.

Horizonte (entre o céu e o mar)

ANA CATARINA TEIXEIRA
INÁCIO



Fotografia. Impressões digitais sobre papel fine art. 60 x 40 cm, emolduradas 70 x 50 cm
2022

sinopse

Horizonte é um projeto em desenvolvimento que aborda os binómios abstrato vs. figurativo, a imaterialidade e o poder do imaginário. A obra é um arquivo de paisagens do litoral de Sintra. Nas imagens encontram-se paisagens dissipadas, dissolvidas em escalas de cor e de luz. Elas são vestígios da realidade, fragmentos que remetem para uma dimensão imaterial e inatingível que apenas o espectador pode completar com o seu próprio imaginário. Através do espaço liminal em que a obra se situa, e pela ausência de figuração, torna-se possível unir experiências individuais e criar uma memória coletiva destes não-lugares.

bio

Ana Inácio (1999) é natural da Amadora, Portugal. É licenciada em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas-Artes da ULisboa (2017-2020) e mestre em Ensino de Artes Visuais (2020-2022) pelo Instituto de Educação da ULisboa. Na sua prática artística procura explorar e articular temas relacionados com a efemeridade, memória e o binómio presença vs. ausência, incidindo sobre eles especialmente através da fotografia nos seus vários domínios - desde digital a analógico e experimental. Desde 2021 que integra exposições, das quais se destaca a Jov'Arte 2021 e a XII Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde.



Ocaso

ANA CATARINA TEIXEIRA
INÁCIO



Quimigrama, gelatina e sais de prata sobre papel. 14 x 8,9 cm
2022

sinopse

Ocaso compreende-se no momento do pôr-do-sol, no qual a paisagem é lentamente invadida e preenchida pelo negrume da noite. A obra acompanha esta ténue transição que se desenrola em cinco momentos, demonstrando, de forma pausada, como a luz influencia a nossa perceção do espaço. Também representa um conjunto de fragmentos de uma memória individual e, ao mesmo tempo, coletiva, que dá a oportunidade e convida o espectador não só a complementá-la, mas ainda a habitá-la. Assim, a obra torna-se num íntimo ponto de encontro neste novo espaço-tempo.

bio

Ana Inácio (1999) é natural da Amadora, Portugal. É licenciada em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas-Artes da ULisboa (2017-2020) e mestre em Ensino de Artes Visuais (2020-2022) pelo Instituto de Educação da ULisboa. Na sua prática artística procura explorar e articular temas relacionados com a efemeridade, memória e o binómio presença vs. ausência, incidindo sobre eles especialmente através da fotografia nos seus vários domínios - desde digital a analógico e experimental. Desde 2021 que integra exposições, das quais se destaca a Jov'Arte 2021 e a XII Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde.



The Ghost Of

DANIELA MATA



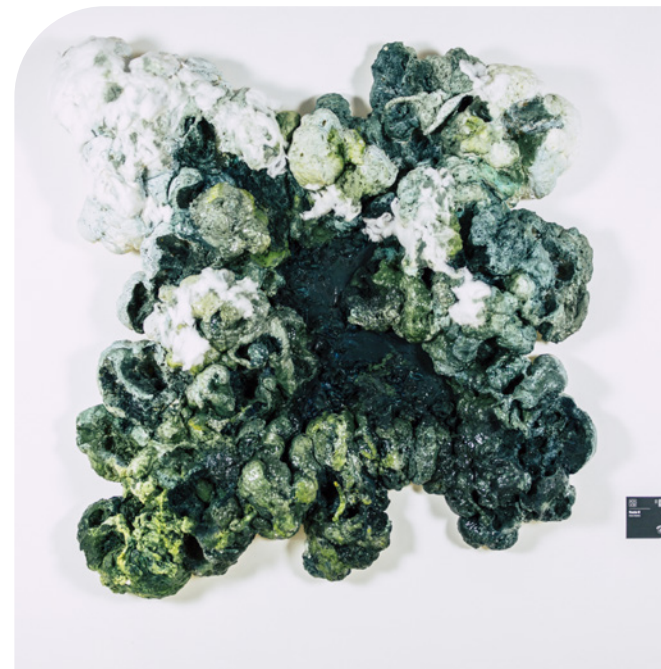
Ilustração Digital
50 x 50 cm
2022

sinopse

"The Ghost Of" é um projeto que procura dar voz ao movimento da libertação animal através da arte da ilustração e poesia. Procura sensibilizar a humanidade para o abuso de animais, financiado e escondido por entidades no poder, bem como expor as práticas e as mentiras da indústria da exploração animal. Cada uma das ilustrações elaboradas em contexto digital representa o fantasma de um animal que foi durante a sua vida explorado e/ou mal tratado. É ainda acompanhada por um poema escrito do ponto de vista desse mesmo ser.

bio

Sou uma ilustradora, autora e designer gráfica em constante procura de novos desafios e com vontade de deixar no mundo um impacto positivo através do meu trabalho. Mantenho-me fiel aos meus valores, quer a nível pessoal, quer profissional, procurando oportunidades que me permitam advogar causas em que acredito através de projetos profissionais.



Técnica mista.
142 x 140 x 22 cm
2022

Rasto II

DIANA SANTOS

sinopse

A passagem do tempo é o foco principal do projeto. Pode-se afirmar que é até a aparência dela que cria as obras envolvidas. Baseia-se assim num questionamento sobre onde o tempo começa e quando termina, a procura do momento em que se inserem novos ambientes e se influenciam novas funções, onde se reúnem as condições para a evocação de algo que se tornará irremediável. O tempo procura ser esculpido, pintado e representado de modo físico ao materializar a deterioração de um organismo, de um ser ou o processo da mesma, encontrada em elementos naturais, especificamente o bolor.

bio

Diana Gonçalves dos Santos nasceu em 2002, em Lisboa. Atualmente estuda Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Abrange as áreas de trabalho de pintura, instalação e escultura. Participou nas exposições coletivas "12x12", no mercado de Santa Clara (2021), "Pequenos formatos" na Galeria Monumental (2021), e em "Paisagens Comuns" na Quinta da Cruz em Viseu (2020). De momento vive e trabalha em Lisboa.



Dispositivos para uma nova agenda (A caça)

FERNANDO MOLETTA



Vídeo-Escultura. Fibra de vidro, resina e vídeo digital (04'05" | 4:3 | P&B | Estéreo).
140 x 120 x 140 cm
2022

sinopse

Dispositivos para uma nova agenda (A caça) é um trabalho sobre a busca por um futuro. A escultura foi concebida a partir da fisionomia de um fumo volumoso, mas que ao invés de se exibir de forma vertical em direção ao céu, dobra-se em quatro partes a partir do seu próprio eixo e assim fica estagnado no chão, proporcionando uma forma incôgnita juntamente com a materialidade da fibra de vidro e da resina. Tem como trilha sonora a primeira faixa do álbum *Everywhere At The End Of Time*, do The Caretaker, chamada "It's just a burning memory".

bio

Fernando Moletta (1994, Brasil) é um artista visual ítalo-brasileiro graduado na Universidade Federal do Paraná (Brasil) e mestrado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (Portugal). O seu trabalho artístico provém da investigação dos fardos do modernismo na atualidade através do confronto de noções temporais que especulam sobre a falha, a biopolítica, a plasticidade alegórica e os ruídos tecnológicos. Esses conceitos pairam como espectros que articulam um corpo de trabalho híbrido entre vídeo, escultura e desenho.



4K , 1.85:1, Colorido, Estéreo.
10'00"
2022

sinopse

O videoarte "Eu, que ignoro tantas coisas, sei que ignoro uma a mais" baseia-se num conto da escritora brasileira Vilma Aguiar. O filme articula-se entre as intersecções do real e do virtual para especular sobre os fantasmas do passado e do futuro perdido através de um presente anônimo.

bio

Fernando Moletta (1994, Brasil) é um artista visual ítalo-brasileiro graduado na Universidade Federal do Paraná (Brasil) e mestrado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (Portugal). O seu trabalho artístico provém da investigação dos fardos do modernismo na atualidade através do confronto de noções temporais que especulam sobre a falha, a biopolítica, a plasticidade alegórica e os ruídos tecnológicos. Esses conceitos pairam como espectros que articulam um corpo de trabalho híbrido entre vídeo, escultura e desenho.



Eu, que ignoro tantas coisas, sei que ignoro uma a mais

FERNANDO MOLETTA

Tyrannosaurus Rex vs Bull Dozer

NATURE THE ARTIST



Assemblage de casca de eucalipto com estrutura de madeira, pormenores pintados com tinta de água; casca de eucalipto, barrotes.
4 x 8 m
2022

sinopse

Numa continuada reflexão acerca da relação entre o estilo de vida do homem moderno e o seu *habitat*, Nature The Artist, faz-nos embarcar numa viagem de constante questionamento acerca dos nossos atos evocando a perspetiva da natureza sobre a nossa. Nesta peça da série "Tree drawings", uma árvore assume-se como a artista e ilustra as batalhas que a natureza trava contra uma humanidade desatenta e egocêntrica. Não serve apenas para invocar a interessante estética presente no mundo natural, mas tem como principal intenção sensibilizar o espectador na esperança que isso possa fazer a diferença na resolução destes problemas que tem como principal vítima o planeta Terra e toda a sua fauna e flora.

bio

Tomás João *aka* Nature the Artist começou a sua prática artística em 2016, através da pintura, fotografia, vídeo e instalação na rua. A natureza sempre foi a sua fonte de inspiração e os seus primeiros passos já tinham entranhados elementos do mundo natural. Mas foi só mais tarde que decidiu dar à natureza o protagonismo completo, afastando-se assim do cunho de autor, e deixando que esse papel fosse assumido pelos processos naturais que acontecem sem intervenção do homem. Hoje o seu trabalho espelha fenómenos naturais que podem ser encontrados em grutas, florestas, no mar, etc.

Sneakerus Vulgaris

NATURE THE ARTIST



Técnica Mista, pasta mineral preparada pelo artista
25 x 32 cm
2022

sinopse

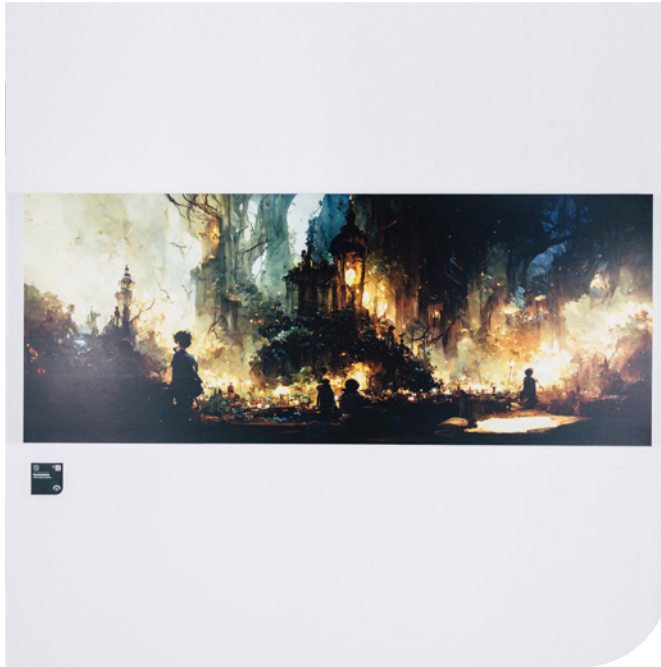
Numa continuada reflexão acerca da relação entre o estilo de vida do homem moderno e o seu *habitat*, Nature The Artist, faz-nos embarcar numa viagem de constante questionamento acerca dos nossos atos e da sua continuidade no tempo, obrigando-nos também a questionar a nossa efemeridade em comparação com a prevalência do nosso poder material. O ato de questionar a presunção artística de um autor que julgamos, enquanto espetador, poder personificar, obriga-nos também a questionar as próprias fronteiras do que julgamos serem definições inabaláveis; da mesma forma que julgamos inabalável o nosso especismo ou a nossa soberania sobre o meio envolvente.

bio

Tomás João *aka* Nature the Artist começou a sua prática artística em 2016, através da pintura, fotografia, vídeo e instalação na rua. A natureza sempre foi a sua fonte de inspiração e os seus primeiros passos já tinham entranhados elementos do mundo natural. Mas foi só mais tarde que decidiu dar à natureza o protagonismo completo, afastando-se assim do cunho de autor, e deixando que esse papel fosse assumido pelos processos naturais que acontecem sem intervenção do homem. Hoje o seu trabalho espelha fenómenos naturais que podem ser encontrados em grutas, florestas, no mar, etc.

Reminiscência

MARISA SARRAIPA
CONSTANTINO



Pintura Digital 2D, Colagem Digital, Arte Algorítmica com Inteligência Artificial
2560 x 1024 px
2022

sinopse

É difícil não lembrar os bons tempos. Momentos que guardamos nos nossos corações. São recordações que se podem tornar dolorosas, ou por saudade, ou por perda. No entanto, há um tempo de luto e um tempo de luta. Recomeçar a vida na esperança de um novo dia. Reminiscência procura ilustrar a dualidade e divergência de memórias. Uma recordação guardada inconscientemente, capaz de ser reconstituída pelas experiências vivenciadas ao longo do tempo.

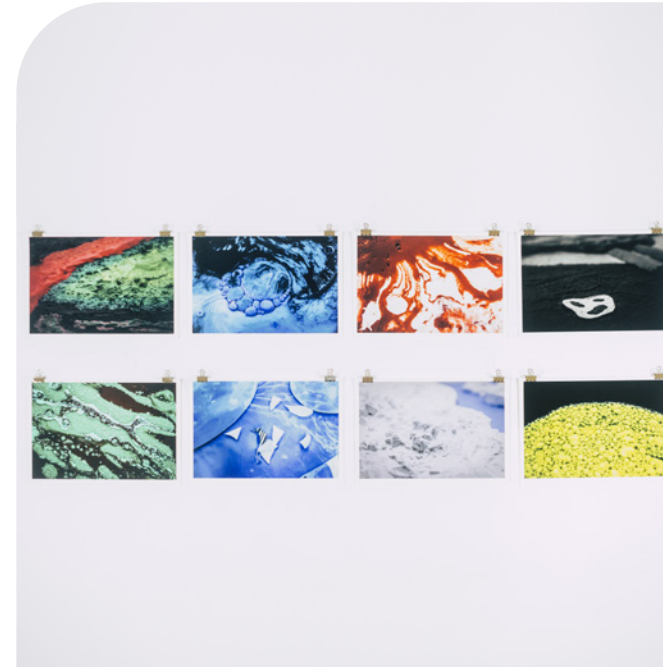
bio

Marisa Constantino licenciou-se em Design de Jogos Digitais no IPB, em 2017. Trabalhou na área de publicidade e pré-impressão e, neste momento, trabalha em Design e Web Design. As suas habilidades artísticas advêm da sua paixão inerente pela ilustração de narrativas e personagens, de lhes dar vida e movimento. Interessa-se também pela modelação e impressão 3D e, mais recentemente, tem se debruçado em novas temáticas como a Inteligência artificial na produção de Arte Digital. Diz que o seu estilo ainda está por definir, e que está em constante evolução, mas procura transmitir ideais e sentimentos na sua arte.



Earth (hurt)

RUTE SILVA



Fotografia, mistura de tintas acrílicas, óleo de cozinha e detergente de loiça, moldes.
48,3 x 32,9 cm
2022

sinopse

“Earth (hurt)” é um projeto artístico focado no Aquecimento Global, onde são exploradas e representadas as principais causas e efeitos da poluição e degradação do planeta provocadas pela mão do Homem. Através de 8 fotografias macro, que se dividem nos 4 principais sistemas do planeta: Terra, Água, Gelo e Atmosfera, a autora cria um manifesto visual para a necessidade urgente de compreender a atual situação do nosso planeta e de agir ativamente de forma a diminuir a sua destruição. Esta obra é, então, uma resposta à questão: O que é o Aquecimento Global e qual o seu impacto no futuro do planeta e da humanidade?

bio

Rute Silva é fotógrafa, videógrafa, designer de moda e apaixonada pela arte e por Lisboa, cidade onde vive. Desde nova integrou um grupo coral, escutismo, grupo de jovens e de voluntariado, onde realizou uma missão em Moçambique, em 2017, para ensinar corte e costura. Em 2020 licenciou-se em Fotografia e Cultura Visual no IADE, e atualmente é *freelancer*, trabalhando em fotografia e vídeo, com uma forte paixão pela fotografia documental e fotojornalismo. Rute acredita no poder que a arte tem para despertar uma mudança positiva nos outros, por isso, o seu propósito é poder partilhar histórias únicas a cada clique.



Recomeços

O que há depois do futuro? No fim de um percurso sinônimo dos desafios de uma geração que se sente inquieta e ansiosa, conhecemos obras que nos suscitam novas reflexões, ancoradas em olhares concretos e únicos.

O Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, um lugar, em si mesmo, feito de recomeços, é o anfitrião para um conjunto de criações críticas e esperançosas, que apontam caminhos e procuram ilusões. Não se referem ao passado, estão conscientes das ambivalências do futuro, mas estão convictos da oportunidade de reiniciar. Essa urgência em fazer ultrapassa a demanda de problematizar, ou, de outra forma, a emergência da arte vence a apreensão.



Vencedor

Estudos sobre propriedade.

GUILHERME PROENÇA



Impressão a cores, inkjet. Fotografia Analógica médio formato posteriormente digitalizada. Moldura em madeira, vidro de Museu. 100 x 80 cm 2022

sinopse

“Estudos sobre propriedade” é um trabalho que surge de uma reflexão sobre o que é a posse. Quando falamos de posses, as questões que primeiro suscitam interesse são as de posses intelectuais, memórias e de identidade. Mas não serão também os objectos, fronteiras, gradeamentos algo que está intrinsecamente ligado a estas memórias? Num mundo onde cada vez existe mais conflito no que toca a posses, sejam estas pessoais, estatais, universais, encontramos aqui um compasso de pausa. Esta noção de pausa parece sempre provir de um elemento comum, a natureza, que olha com serenidade o progresso e regresso humano.

bio

Guilherme Proença reside em Lisboa. Licenciado em Arte e Multimédia na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2017–2020). Como projecto artístico tem vindo a desenvolver estudos fotográficos que contrapõem cores fortes e enquadramentos rígidos, explorando as relações entre a natureza e a pegada humana.



Vencedora

Totem

MAB.KO

Acrílico, areia e papelão. 60 x 60 x 150 cm;
48 x 48 x 135 cm; 50 x 50 x 128 cm;
43 x 43 x 118 cm; 47 x 47 x 133 cm
2022

sinopse

Totem é um conjunto de cinco esculturas feitas de papel, areia e acrílico. Cada escultura tem as suas próprias cores e padrões, conferindo-lhes um carácter único e distinto. As silhuetas geométricas fazem lembrar tanto estruturas arquitetónicas como figuras sagradas. De facto, ao desenvolver o vocabulário da sua própria mitologia, a artista constitui uma linguagem através de uma coleção de símbolos, ícones, santuários. Tal como os fetiches, estas esculturas de tamanho humano foram concebidas como objetos de proteção, emblemas sagrados, que convidam à contemplação.

bio

Mab.ko é uma artista plástica radicada no Porto, Portugal. Formada como arquiteta em França, a sua prática está integrada na investigação em escala de design e composição. Segue um protocolo de trabalho bidimensional no qual o desenho é o meio fundamental, bem como a questão dos padrões e formas arquetípicas. Envolve-se numa abordagem sistemática e ritualista onde cada pesquisa de desenho resulta numa colecção de ilustrações. O seu corpo de trabalho toma forma principalmente numa série de objectos e pinturas que são tanto o aparelho como a própria obra de arte, provenientes de projecções directas das ilustrações.

Quase- -Presença

CAROLINA BATALHA



Lã sobre tela de arraiolos. Técnica manual que utiliza apenas a agulha de arraiolos.
2,73 x 3,14 m
2021

sinopse

Realizada em colaboração com A Avó Veio Trabalhar, esta peça analisa e reflete sobre o papel da matéria na procura da tateabilidade da memória, recorrendo a linguagens conceptuais e a um material tão doméstico e português, que expande a experiência táctil à emocional. Resgata um espaço sensorial em resposta à inquietação do reviver do passado. Para além de exibir uma coleção de memórias muito íntimas, também procura proporcionar uma partilha: histórias que prevalecem entre gerações, entre mulheres, entre sabedorias passadas e presentes, sobre o que significa o caminho para casa, para cada um de nós.

bio

Carolina vive e trabalha entre Lisboa e Porto. Nasceu em 1997. O seu trabalho desenvolve-se maioritariamente dentro dos campos da nostalgia, memória, e tato – e como estes se parecem traduzir em diferentes plasticidades. O poder do toque e do têxtil é uma parte inerente do que cria e constrói. Casas, lugares, ambientes. A trama física e metafórica foi o veículo que encontrou para organizar o caos: seja essa a trama do tecido, a dos cadernos, ou a das toalhas – ao entrelaçar material e realidade, ela cria lugares, mede o tempo e organiza a narrativa.



Engobes naturais, vidro transparente, sobre cerâmica de baixa temperatura.
28 x 32 x 2 cm
2021

“Não paisagem, não pintura”

INÊS PAIXÃO

sinopse

“Não paisagem, não pintura” provem da junção, aquando do uso de uma matéria orgânica como o barro, material base desta obra, e de outros meios de criar texturas naturais provenientes da marca natural que esses objetos exercem sobre o barro. Neste painel é notório a mistura entre os padrões que a mão humana imprime e outros materiais orgânicos, como troncos, conchas, pedras, entre outros. Uma dança entre matéria palpável e o vazio de algo que já tocou nessa massa, como uma pegada, um rasto, um marco que é a nossa própria vida.

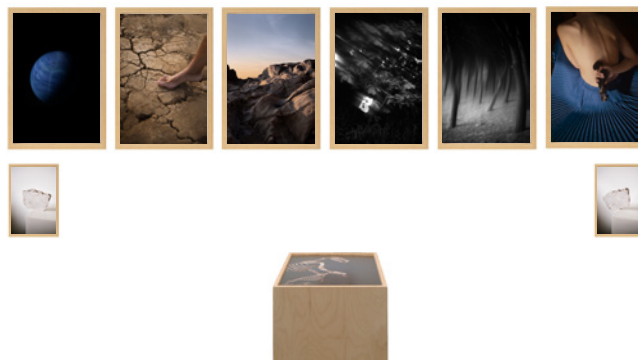
bio

Inês Paixão, licenciada em escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL), esteve durante 1 ano na Polónia no programa Erasmus. Participou em várias exposições coletivas e individuais e obras de escultura pública. Focou-se em várias disciplinas artísticas, escultura, como principal, fotografia, pintura e arte pública. A artista plástica cria através das suas obras uma simbiose entre o corpo humano e os corpos orgânicos encontrados na natureza, como uma chamada de atenção para a coabitação entre o humano e o meio envolvente, refletindo assim, a sua paixão, contemplação e admiração.



And the shape of things disappeared for a while

JOANA DIONÍSIO



Papel Canson Infinity Baryta Photographique II Satin 310grs, Lonas Blockout, Papel offset; contra-colagem em K-line ou PVC; molduras em faia, sem vidro. Medidas variáveis. 2020-2021

sinopse

Numa sociedade caracterizada pelo desejo de prolongar ao infinito a juventude, a representação da conclusão do ciclo de vida passa a ser vista como um fracasso e, por isso, deve ser evitada. Contudo, se não temos a capacidade para definir os limites da nossa própria vida, como é que nos podemos relacionar com ela e connosco?

Dos sentimentos que surgiram após a morte do meu pai, que me obrigaram a refletir acerca das limitações da existência humana, resultou o presente projeto que procura retratar a forma como lidamos com a perda de alguém e com a consciência da nossa própria finitude.

bio

Artista visual natural do Porto, licenciada em Tecnologias da Comunicação Audiovisual e com o mestrado em Fotografia Artística. Já expôs o seu trabalho nos Encontros da Imagem, CPF, Palácio das Artes, Galeria Municipal Vieira da Silva, entre outros. Mais recentemente foi selecionada para a leitura de portfólios com Jim Goldberg e Alessandra Sanguinetti, para o livro "FRESH EYES 2022" pela GUP Magazine e participou na publicação do livro "Rostos da Maré". Tempo, memória e ausência são a matriz e o suporte do meu trabalho, que se caracteriza por uma forte vertente autobiográfica.



OUTCOME

LUÍS PEDRO OLIVEIRA SANTOS



Inteligência artificial.
1664 x 1664 px
2022

sinopse

Como a arte acompanha o digital, também ela deve acompanhar a atualidade. Habitados a procurar no passado padrões para resultados futuros, muito limitados fomos quando tão brutalmente distorceu-se a realidade "perfeita" por causa de um vírus e uma guerra na Europa. Esta obra visa comunicar, com recurso à inteligência Artificial, o OUTCOME da Guerra entre a Rússia e a Ucrânia – deixando a imagem transmitir a singularidade do resultado.

bio

O autor, licenciado em Gestão de Atividades Turísticas, é aficionado pela arte, cultura e tecnologia. Participa ativa e criativamente em diversos projetos pessoais, profissionais e académicos.



verbrennen und verholzen

LUÍSA BARROS AMARAL



Madeira de pinho, tinta preta, estereotomia, estereometria, talhe direto.
97 x 56 x 25 cm. 2022

sinopse

Escultura em madeira pintada como simulacro de estar queimada, é uma manifestação direta da mitologia alemã (queima e lignificação) através da representação da purificação da matéria como caminho para a dimensão espiritual. Fazendo uma passagem entre a escultura e o desenho, esta forma antropomórfica procura simular nela esta representação da cinza, como renascimento. A obra é feita através da reutilização de perfis de madeira para construção, cuja poética do material reflete uma consciência ambiental e que confere a solidez da estrutura (exterior), que contrasta com o seu vazio interior.

bio

Luisa Barros Amaral (1992). Escultora, Professora e Arte Educadora. Vive e trabalha em Lisboa. Do seu percurso destacam-se o Memorial a José Afonso (Lisboa, 2017) e a participação nas exposições coletivas (seleção) Bienal de Arte Jovem (Vila Verde, 2022); Art'In Lima – Mostra Internacional de Arte Contemporânea (Ponte de Lima, 2022); XVII Prémio de Pintura e Escultura - D. Fernando II (Sintra, 2022); Corrente de Ar – Vol. I – Príncipe Real (Lisboa, 2021); I Will Take The Risk, Azan Contemporary | Tomaz Hipólito Studio (Lisboa, 2020), Eidolon, com Rui Freitas Ferreira, no Museu Geológico de Lisboa (Lisboa, 2018).



Fios de algodão, linho, lã, poliéster, plásticos, tecido de algodão cru, matérias orgânicas. Tecelagem, tingimento com e sem reserva, estamparia, stencil e tessitura experimental com galhos.
180 x 100 x 180 cm. 2022

sinopse

Concebi esta instalação têxtil orgânica com o objetivo de repensar e refazer a minha ligação com o mundo. O meu processo metodológico teve como base várias práticas de atenção e valorização da Natureza no espaço urbano. Simultaneamente, recolhi matéria orgânica, pequenos objetos do dia a dia e pensamentos, albergando-os numa base de fibras vegetais. Caminhei, teci, tingi, estampeei o tempo que entre-teci com os lugares que visitei e plantei sementes de memórias que colherei no futuro. Apesar de tridimensional, este diário lê-se como a escrita ocidental: da esquerda para a direita, de cima para baixo.

bio

Nasci e cresci em Cacilhas, na casa que os meus pais têm nas nuvens. Acabei o secundário no curso de Têxteis na escola Artística António Arroio e atualmente estudo Fine Arts. Tenho 18 anos e nunca parei de brincar com as miniaturas que a minha avó guarda na vitrine da sala, nem de andar com um diário gráfico atrás. Sou fascinada por objetos perdidos e por coisas que os meus amigos consideram lixo. As minhas práticas de reutilização e reciclagem fazem-me experimentar e re-descobrir coisas simples todos os dias.



Diário Janeiro- -Maio 2022

MADALENA DIMAS

Paginário: As Mil e Duas Noites

MAFALDA
LALANDA, ELENA
SORESSI E ELIZAMA
ALMEIDA



Páginas com texto: 63; Páginas sem texto:
10. Colagem, sobreposição e marcação com
iluminadores.
1,84 x 2,75 m. 2022

sinopse

O paginário é uma obra visual (de longe) e uma obra textual (de perto). Coberta por páginas de livros (selecionadas, digitalizadas e fotocopiadas), a parede torna-se num mosaico artístico e literário sobre o tema da noite, no qual o público é convidado a intervir (sublinhando, escrevendo, desenhando). As mil e duas noites reverberam a voz de Sherazade. Hábil contadora de histórias que, com a arte da palavra, retarda a sua morte na presença do sultão. Se a noite é sinónimo de perigo, Sherazade prova que também é espaço de resistência através da arte. Afinal, que textos escolheríamos para atravessar mais uma noite?

bio

Mafalda Lalanda (Portugal), Elizama Almeida (Brasil) e Elena Soressi (Itália) são criadoras de projetos interartes, na fronteira entre a arte e a literatura. São investigadoras de doutoramento em Materialidades da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e colaboram no laboratório experimental de humanidades MATLIT LAB. Em 2022, integraram a bienal de arte contemporânea de Coimbra (AnoZero) com duas intervenções artísticas. Ainda recentemente, Mafalda e Elizama criaram uma leitura pública a partir dos registos dos autos de fé das mulheres condenadas pela Inquisição.



Consciência e Produção

MARIANA DIMAS

Terracota, grés fino, engobe preto, óxido manganês, estrutura de madeira e acrílico. Técnicas cerâmicas da lastra, construção através da técnica do rolo, modelação livre, brunir e pigmentação com fumos. 150 x 45 x 45 cm. 2022

sinopse

Vês, Enterras, Dominas, Humano. Algo na vitrine me diz que o que lá está dentro é importante. Ela organiza-se como eu: Cabeça, Coração, Pernas. Somos ambas a mesma Humanidade. Estudas, Desenterras, Expões (te). Os motivos antropomórficos conjugam-se aos pares. O ser olha para o outro, criam em conjunto. Crânio e as Placas fazem referência a rituais funerários pré-históricos, e representam a autoconsciência humana. Exploramos a matéria. Nas peças de revolução sente-se a construção, evolução e aperfeiçoamento de objetos ao longo da história. Arte é o Humano em contacto com ele mesmo, com o outro e com o Mundo.

bio

Nascida em Almada, atravessou o rio todos os dias durante 3 anos e em 2022 acabou o curso de Produção Artística-Cerâmica na Escola Artística António Arroio, em Lisboa, renovando a memória de infância de brincar com o barro do quintal dos avós. Com interesse no *Homo sapiens* desenvolve uma pesquisa antropológica. Atualmente estuda Fine Arts na Academia Willem de Kooning, em Roterdão para onde voou com a irmã no plano da descoberta e redefinição das belas artes.



Espectro

MATILDE CUNHA



Colagem sobre parede (past up).
1,84 x 2,75 m
2022

sinopse

Há histórias escondidas na cor que passa pelo nosso dia a dia às quais dificilmente teremos acesso. Quando comecei a fotografar em torno da cor, quis cristalizar os momentos do quotidiano que são movidos pelo pigmento e elevá-los a um nível artístico. Não é apenas sobre estética, também é sobre intenção. Espectro surge da vontade de levar um projeto aparentemente fechado no formato de livro a um outro nível. Abrir-lhe todas as portas e janelas. É também a manifestação da vontade de levar a fotografia para outro registo e brincar com as escalas.

bio

Matilde Cunha é uma jovem fotógrafa nascida em 1996 no Porto. Frequentou a Escola Artística Soares dos Reis onde se especializou em fotografia. Dividida entre o Porto e Lisboa, estudou fotografia no IADE e completou o curso avançado em fotografia no Ar.co. Neste momento encontra-se no Porto, onde vive e trabalha como *freelancer*. O seu trabalho em geral reflete uma preocupação minuciosa com a relação entre a forma e a cor.



Madeira pinho, contraplacado, barra de ferro,
gesso acrílico e tinta acrílica.
1330 x 1270 x 305 mm
2022

Telefone Estragado

RITA ROMEIRAS

sinopse

A comunicação é uma componente integrante do ser social que é o Homem, manifestando-se em múltiplos meios de expressão. A sua complexidade é algo com que nos deparamos diariamente, em especial quando esta falha. Já todos experienciámos incompreensão que resultou em infelizes situações. O mal entendido nasce da qualidade subjectiva da comunicação, deixando-a vulnerável a uma análise das partes envolvidas.

Esta obra pretende, num tom cómico, que remete para o jogo do Telefone estragado, que o espectador, de um modo interactivo, explore a pluralidade narrativa que pode resultar destas diferentes interpretações.

bio

Rita Romeiras (Lisboa, 1996), conhecida como Rita Comedida, é artista, formada em pintura pela faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É através do desenho e pintura que expressa aquelas que são vivências próprias, autobiográficas e muitas vezes auto-críticas — mas que ao mesmo tempo espelham o desespero e humor de uma geração. Tocando em temas como a precariedade, o processo criativo ou simplesmente a ansiedade de existir como jovem num mundo à beira do colapso, a personagem que é tanto a Rita como qualquer um de nós ri-se da sua própria miséria numa linguagem de nativo digital.

Artes Performativas

Para além da exposição das obras apresentadas pelos criadores para áreas plásticas, foram exibidas todas as obras das chamadas artes performativas, nomeadamente, cinema, dança, gastronomia, humor, literatura, moda, música e teatro. Ao longo dos três dias da MNJC foram surgindo, num calendário apertado de iniciativas, “mini-mostras” dedicadas a cada uma destas áreas, num formato que permitia a contextualização ao vivo por parte dos artistas, se eles assim entendessem.

A edição de 2022 abriu espaço, pela primeira vez, para novas categorias inexploradas. Gastronomia e humor fizeram a sua estreia como áreas oficiais da MNJC, tentando espelhar uma visão mais contemporânea e alargada do que são os processos criativos e artísticos em pleno século XXI.

Se na gastronomia ainda existe um caminho de legitimação a percorrer, já que apenas duas propostas foram selecionadas, no caso do humor, esse percurso já parece estar assegurado, tendo em conta que, tal como em todas as restantes categorias, estiverem presentes oito selecionados.

À semelhança do que ocorreu nas artes expositivas, foi evidente a preocupação social e uma certa ansiedade com o futuro como pontos de referência para muitas das obras ao longo das oito categorias performativas. **No fundo, estes criadores são da mesma geração que os anteriores, igualmente coerentes nas tentativas de extravasar os seus sentimentos, dúvidas e desassossegos através da arte.**

Cinema



Vencedora

Lessons in the Kitchen

MARIANA GUERREIRO
FERREIRA

Curta-metragem de animação digital
1'49
2021

sinopse

Lessons in the Kitchen é um projeto documental, falado em italiano, que retrata as dificuldades de viver no estrangeiro. Enquanto vivia em Bruxelas, decidi gravar várias conversas dos meus companheiros de casa de modo a registar a minha experiência com outras línguas. Apesar de ser um idioma bastante idêntico ao nosso, havia muitos momentos em que sentia que estavam a falar uma língua totalmente diferente da nossa. Esta curta-metragem é o resultado de uma dessas gravações, onde a componente visual representa a minha própria interpretação ao ouvir esse áudio pela primeira vez.

bio

Mariana Ferreira é uma artista visual que trabalha na área do cinema de animação. O seu interesse pela animação desenvolveu-se enquanto estudava Design de Comunicação na FBAUL (2018). O projeto Lessons in the Kitchen, começou a ser desenvolvido enquanto vivia no estrangeiro em Erasmus (Bélgica, 2018), onde fez a sua primeira cadeira de animação. Após um ano a trabalhar em publicidade, decidiu especializar-se na área e fez um mestrado de Animação Stop-Motion (Bcn, 2021). Aí realizou e animou, a sua primeira curta-metragem em *stop-motion*, Pobre Antonio, e em simultâneo terminava de produzir a sua curta pessoal.

ORCHID

ANDRÉ KOSASIH



Técnica: Cinema de animação
Materiais: Cinema 4D, Marvelous Designer, Substance Painter, Adobe Photoshop, After Effects, GarageBand.
4k, (16:9)
2022

sinopse

O que é a paixão? Como é que sentimos? Este videoclipe retrata o sentimento de paixão que nós humanos temos por nós próprios e procura algo que preencha o nosso vazio.

bio

Nasci em Inglaterra, metade português, metade indonésio. Atualmente exploro o mundo criativo depois de ter terminado a licenciatura em Design Gráfico e Multimédia em Caldas da Rainha, Portugal. Para além de Designer, sou também dançarino de danças urbanas.



ALVORADA

CAROLINA NEVES



Realização: Carolina Neves
Argumento: Carolina Neves
Direção de Produção: Kyle Sousa
Direção de Fotografia: Ângela Bismarck
Direção de Som: Pedro Bacelar, Miguel Canelhas
Composição Musical: Pedro Bacelar
Montagem: Carolina Neves
Direção de Arte: Sílvia Sanahuja

sinopse

“ALVORADA” é uma curta-metragem de ficção que aborda o conflito interior de um jovem homossexual inserido numa subcultura marcada pela intolerância social. É assumida a luta contra os estereótipos contra a comunidade LGBTI+ e apresentado um retrato da subcultura do Black Metal Nacional-Socialista, que é considerado um grupo que instiga o ódio relativamente a esta comunidade, bem como a outros grupos sociais, religiosos e étnicos. Esta curta-metragem poderá constituir um contributo fundamental para expor a gravidade desta situação, desmistificá-la, mudar mentalidades e humanizar as pessoas.

Direcção de Figurinos: Sílvia Sanahuja
Operação de Câmara: João Pereira
Operação de Steadicam: João Pedro Gomes
Correcção de Cor: Vasco Araújo
Elenco - “Vasco” Afonso Alves
Elenco - “Tiago” João Cravo Cardoso
Elenco - “Paulo” Carlos Gomes
2020

bio

Carolina Neves é mestre em Som e Imagem pela Escola das Artes - Universidade Católica Portuguesa, com especialização em Cinema e Audiovisual. Como projecto final, apresentou a curta-metragem “ALVORADA” (2020) na qual desempenhou os cargos de Argumentista, Realização e Montagem. Premiada nacional e internacionalmente e reconhecida pela Academia Portuguesa de Cinema, o filme continua presentemente em circuito de festivais. Actualmente, encontra-se a trabalhar na pré-produção da sua próxima curta-metragem.



Meine Liebe

CLARA JOST



HD 6' Portugal
Língua: Português
Legendas: Inglês
Aspect Ratio: 3:2
Formato: DCP / H.264 / ProRes
2020

sinopse

Uma homenagem a um tomateiro que só deu um tomate.

bio

Em 2022, concluiu o mestrado na KASK, Academia Real de Belas Artes (Bélgica), como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Começou como atriz em Portugal e depois passou a criar os seus próprios filmes e a montar outros. O seu filme Meine Liebe ganhou a competição nacional de curtas-metragens no IndieLisboa em 2020 e foi exibido em festivais internacionais como Premiers Plans d'Angers, Festival du Nouveau Cinéma (Montreal), ZINEBI e Alchemy Film and Moving Image Festival. Neste momento trabalha em 2 novos filmes da sua autoria e na montagem de outros filmes, entre a Bélgica e Portugal.



Género: Drama
Imagem: Digital 2K
Som: Digital
16:9, 30 minutos
Língua: Crioulo (Guiné-Bissau)
2022

sinopse

Uma mãe imigrante, aflita das costas, liga ao filho para que ele a ajude a carregar os sacos de compras para casa. Durante o percurso, os dois conversam sobre o futuro através do passado, numa revinda às suas amarguras e alegrias.

bio

Falcão Nhaga (2000) é filho de mãe cabo-verdeana e pai guineense, viveu e cresceu pelos bairros nos arredores de Lisboa. É licenciado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, no ramo de realização. A sua primeira curta-metragem "Mistida" foi seleccionada pela La Cinef, secção competitiva do Festival de Cannes dedicada a filmes de escola. Foi premiado nos festivais IndieLisboa, Curtas Vilas do Conde e Caminhos do Cinema Português. Mariana Morais (1997) imigrou ao 18 anos para Portugal com a sua família. Licenciou-se em Cinema, na área da Produção, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Como projeto final produziu "Mistida", realizada por Falcão Nhaga. Trabalhou na produção da série "Emília" (RTP) e na "Heart of Stone" (Netflix). É mestranda em Business na Católica-Lisbon.

Wetsuit

JOÃO SALGADO



Curta-metragem produzida em âmbito escolar para o mestrado na London Film School
Realizada por: João Salgado
Género: Ficção
18:50 min
Digital + super8
Cor

Ficheiro de projeção: DCP 2K
Som: Dolby 5.1
Aspect ratio: 16:9
Língua: Português
Legendas: Inglês
2022

sinopse

Num estacionamento desolado à beira-mar, três jovens surfistas tiram um fato e vestem outro enquanto cumprem os rituais do seu crescimento. Na sua essência, Wetsuit apresenta três histórias e personagens aparentemente não relacionados para explorar as suas semelhanças. É como se o que acontece com uma personagem tivesse acontecido ou vai acontecer com os outros. Nesse sentido, eles compartilham as mesmas perguntas sobre o peso do que pode significar ser um homem.

bio

João nasceu em Lisboa, Portugal, mas cresceu em Genebra, Suíça. É formado em Economia pela London School of Economics e mestre em Cinema pela London Film School (LFS). Na LFS dirigiu quatro curtas-metragens, sendo uma delas Wetsuit, o seu filme de fim de mestrado que estreou em 2022 no festival internacional de cinema Curtas Vila do Conde. É atraído por estruturas narrativas não lineares e histórias que exploram temas de casa e isolamento, as casas que fazemos e as casas que ansiamos. O João vive e trabalha em Lisboa onde está a desenvolver o seu próximo projeto.

Fora de Jogo

JOSÉ FREITAS



Com: João Cravo Cardoso, Clara Nogueira, Hélia Martins
Realização e Argumento: José Freitas
Produção: Inês Jonas, Andreia Ribeiro, José Freitas e Eduardo M Escribano Solera Produtor
Associado: Ricardo Leite
Assistente de Produção: Paulo Nogueira
Direção de Fotografia: João Pedro Pinheiro
Assistente de Imagem: João Carlos Da Silva
Direção de Som: Miguel Serrão
Design de Produção: Andreia Ribeiro

Montagem: Belmiro Ribeiro
Designer de Som: Guilherme Correia
Edição de Diálogos: Mariana Guedelha
Banda Sonora: Guilherme Correia e Miguel Serrão
Color Grading: João Pedro Pinheiro
Títulos e Grafismo: Matilde Sousa
Design: Jotta Sousa
Aconselhamento Legal: Carlos Morgado
13', Dcp Digital 3:2, Stereo, Cor
2021

sinopse

“Após ser desencorajado pela sua tia, Leonardo contraria todas as expectativas ao decidir lutar por um lugar nas captações da equipa de futebol local.”

bio

José Freitas é um cineasta e técnico de multimédia português com obras produzidas em Portugal, Inglaterra e Letónia. Formou-se na Solent University de Southampton, com honras de primeira classe do ensino superior britânico em Film Production. Durante a sua formação académica também frequentou o Instituto Profissional de Tecnologias Avançadas, no Porto. Nos últimos anos tem tido várias experiências na área da comunicação, teatro e vídeo paralelamente à produção e realização de cinema. “Fora de Jogo” é a sua estreia como realizador.



Alexandria

THIAGO CAVALHEIRO
E LUÍS MIGUEL AMORIM
PEREIRA



Realização e Argumento: Luís Miguel Pereira e
Thiago Cavalheiro
Com poemas retirados do livro "Já não me deito em
pose de morrer" de Cláudia R. Sampaio
Produção: Tiago Batista Santos
Assistente de Produção: Leonor Vieira
Diretor de Fotografia: António Carrasco
Operador de Câmara: Alexandre Neves
Direção de Som: Salomé de Seixas
Assistência e Design de Som: Ana Machado

Montagem: Gonçalo Ruivo
Maquillagem e Cabelos: Bé Jesus
Behind-the-scenes: Mercês Castelo-Branco
Música: Manuel Lopes, Renata Santos Ribas e Lúcia
Santos de Carvalho
Secretária de Produção: Mércia Cabral Pires
Apoio Técnico: José Romano
Elenco: Cristina Cunha como Alexandra; Maria Higgs
Celeiro como Sofia; William Colito como Pedro
2021

sinopse

A vida de uma escritora vira do avesso quando
uma doença silenciosa se apodera dela.
Memórias desvanecem enquanto a sua vida
profissional e familiar desmorona. Perdida, tenta
encontrar o único lugar onde pode recuperar o
que perdeu.

bio

Luís Pereira, de Caminha, e Thiago Cavalheiro,
Pombal, conheceram-se enquanto se licenciavam
em Cinema na Universidade da Beira Interior. Na
Escola Secundária, Luís estudou Artes Visuais,
mostrando um grande interesse em explorar as
suas diversas formas, como Escultura, Animação e
Fotografia, o que o levou a seguir Cinema. Thiago
estudou Ciências mas em última análise não se
conseguiu imaginar a trabalhar em algo além
de filmes. Na Universidade, especializaram-se,
respetivamente, em Fotografia e Montagem e como
Projeto Final escolheram realizar e escrever a sua
primeira curta-metragem, "Alexandria".

Dança



Vencedora

Call Me Three Times

KATARINA LANIER

Peça de dança com artes visuais.
35 minutos
2022

sinopse

Call Me Three Times é uma peça que navega por entre fragmentos de estados oníricos e realidades de desejo. É uma exploração das fantasias possíveis e dos seus limites. Uma vez localizada e formulada uma fantasia, quais são as consequências de tornar esses sonhos palpáveis? Através de segmentos articulados com projeção de vídeo em direto, vídeo pré-gravado e ação ao vivo, a autora convida o público a explorar as múltiplas facetas das suas próprias interrogações e vulnerabilidades e a sua falsificação.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do PACAP 5 – Programa Avançado de Criação em Artes Performativas.

bio

Katarina Lanier (EUA). Bósnia-americana, dançarina-padeira-vídeo-maker. Tem uma graduação em Dança pela Université Paris 8 e um Mestrado em Artes Visuais pela Haute École des Arts du Rhin em 2020. Completou o Programa Avançado de Criação em Artes Performativas 5 em 2022. Os seus interesses estão nos processos colaborativos, nas possíveis relações entre a produção de imagem e as práticas do corpo e usos experimentais dos códigos sociais. Hoje encontra-se a pesquisar os contextos contemporâneos da produção erótica.

SELF

BEATRIZ VALENTIM



Ideia e conceção: Beatriz Valentim
Interpretação e seleção musical:
Beatriz Valentim, Mercedes Quijada
Edição Musical: Pedro Souza

Figurinos: Andy James, Beatriz Valentim
Co-produção: Festival Interferências/Companhia Olga Roriz, Corpo + Cidade (integrado no Festival DDD) 2021

sinopse

Inicialmente um solo, SELF logo se converteu num dueto, por ter na sua base conceitos como a reflexividade e a dualidade. Partindo do conceito sociológico de *self*, propus-me a pensar que perguntas fazemos a nós mesmos e aos outros; que relações de dependência temos do ponto de vista social; que espaços e contextos habitamos. A análise reflexiva do eu pressupõe sempre o outro e vice-versa. O corpo-contorno que vão encontrar neste trabalho surge, para mim, como um corpo vazio de significado, pronto a receber estímulos internos e externos, que serão constantemente analisados e experienciados pelas intérpretes.

bio

Beatriz Valentim é formada pela Escola de Dança do Conservatório Nacional e completou a sua formação com o Elite Training Program da companhia Budapest Dance Theatre e o F.O.R. Dance Theatre da Companhia Olga Roriz. É licenciada em sociologia pelo ISCTE-IUL e pós-graduada em Dança Contemporânea pela ESMAE, terminando como bolsista para o Camping 2020 do Centre National de la Danse, Paris.

Tem vindo a trabalhar com Olga Roriz, Renato Zanella, Jérôme Bel, Raimund Hoghe, Mafalda Deville, Elisabeth Lambeck, Olatz de Andrés, São Castro e António Cabrita, Né Barros, Sílvia Real, Francisco Camacho, entre outros.



Anastilose I

FÁTIMA PINHEIRO

Realização e Pós-Produção: Fátima Pinheiro
Bailarinas: Carminda Soares e Maria R. Soares
Design de som: Ω - intersectiô (Ricardo Nogueira Fernandes)
Vídeo projetado num ecrã.
2020

sinopse

A imagem é uma ideia projetada. O vídeo permite prolongar a ideia, distendê-la e balizá-la de um início e um fim, atribuir-lhe significados. Em Anastilose I, o movimento dos corpos alimenta-se da envolvimento espacial, em comunhão com os elementos circundantes. As intérpretes, Carminda e Maria, incorporam-se no meio, e, sob o tom da música de Ricardo Nogueira Fernandes, usam dos seus corpos para semear dúvidas: como pode o espaço fazer dilatar o tempo? Anastilose I é a busca do prolongamento de cada imagem através do movimento lento do objeto.

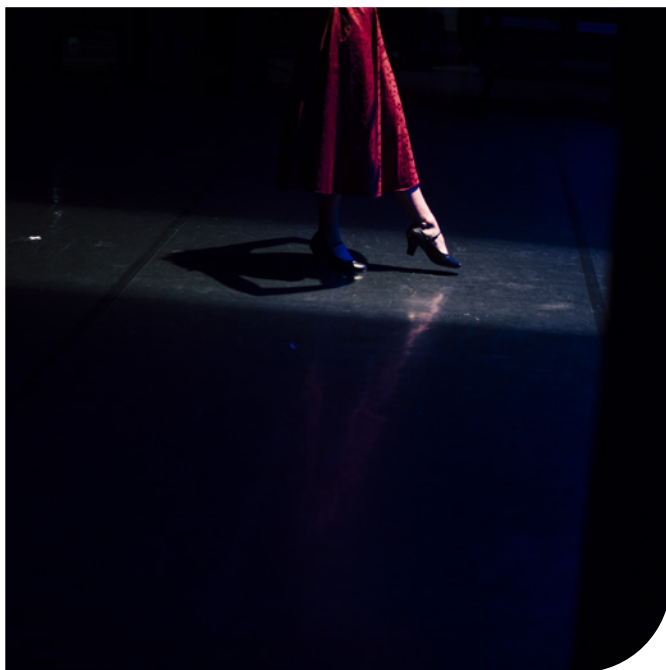
bio

Fátima Pinheiro faz fotografia desde os 13 anos. É licenciada em Ciências da Comunicação, com especialização em Comunicação Multimédia, pela Faculdade de Letras da U. Porto. Mais recentemente, terminou o curso de Pós-Produção Vídeo, da Restart – Instituto de Criatividade Artes e Novas Tecnologias, no Centro de Produção Norte da RTP, e iniciou o curso Profissional de Fotografia do Instituto Português de Fotografia. Num percurso profissional em que foi sempre aliando fotografia e vídeo, trabalhou para marcas como a Proef e Roof-Magazine.



a mulher que caminha de saltos altos

ISADORA DANTAS



Por: Isadora Dantas e Sofia Neuparth.
Composições musicais: Thiago Righi, Bruno de Azevedo, Marcos Aganju e Fernando Ramalho
Produção: c.e.m – centro em movimento, pelas mãos da Cristina Vilhena

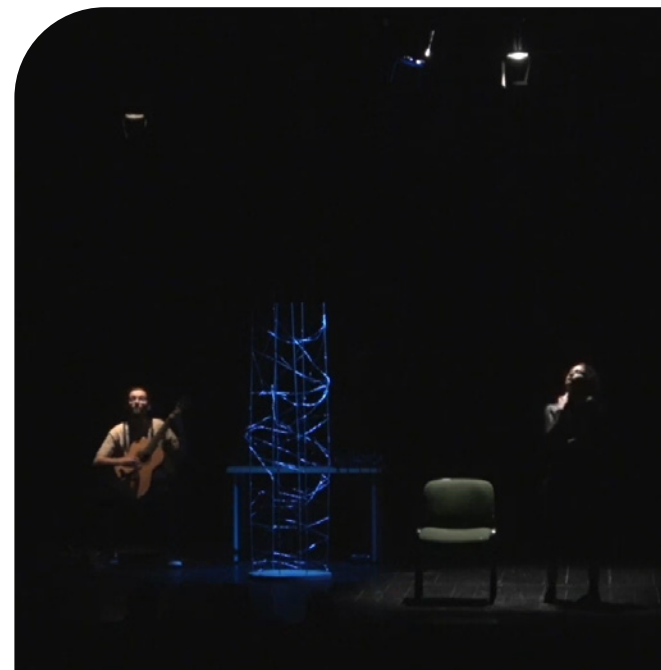
Acompanhamento em estudos do corpo e do movimento: Sofia Neuparth.
Apoio: BZ5RECORDS
2022

sinopse

Esta dança acompanha uma silhueta que se desloca em contínuo movimento, uma figura ondulante, quase flutuante. Entre torções, curvas, leves movimentos de cabeça que nunca revelam o seu rosto, mãos que tocam os cabelos e as costas esta aproxima-se de uma parede e, quando a encontra, continua a entrar, sempre acompanhada pela criação musical de Marcos Aganju. Chamei a esta dança um poema em movimento porque tenho praticado a dança enquanto poesia do gesto. Faz parte do solo de dança Sete Poemas, uma coleção de poemas em movimento que estreou em abril de 2022.

bio

Bailarina, criadora. Nasceu em Marília, interior de São Paulo, Brasil. A sua formação em dança passa pelo encontro com o Ballet Clássico, o Jazz Dance, o Tap Dance, a graduação em Comunicação das Artes do Corpo (PUC-SP) e o c.e.m - centro em movimento (Lisboa). Caminha em criação e investigação junto do c.e.m desde 2017 onde também ajardina o Centro de Documentação. Tem-se dedicado a adensar o seu trabalho de criação, aparecendo em 2022 o seu primeiro solo, Sete Poemas, e a peça Le Presque Tri Tri Tri Cabaret, uma co-criação com Coline Gras e Gonçalo Pires.



voltas por um fio

JOÃO PEDRO SALVADO
FIGUEIRA E THAIS
BARRETO COELHO
DE MELO

Criação e Interpretação: João Figueira e Thais de Melo
Desenho de luz: Alberto Diogo
Assistência artística: David de Alencar
Fotografias: Luis Batista e Município do Fundão
Apoios: Câmara Municipal do Fundão, A moagem – cidade do engenho e das artes.
Agradecimentos: Academia de Música e Dança do

Fundão, Filipa Gomes, João Amaral e Pedro Rufino
Textos: Adaptação de “écoute, mon ami” de Louis Jouvet e “cântico negro” de José Régio
Música: “tema do prólogo” de João Figueira, “elogio de la danza” de Leo Brouwer, “libertango” de Astor Piazzolla e “por um fio” de Bernardo Beirão
2021

sinopse

voltas por um fio celebra a subtilidade de um encontro entre dois artistas, anunciando o aspeto frágil da existência e a busca por aquilo a que nunca se chega. Esta cocriação, oscilante entre composição e improvisação, compartilha dinâmicas que procuram ultrapassar abordagens convencionais da relação entre dança e música, propondo modos de relação que advêm de uma reflexão sobre o trabalho artístico e a sua conexão com a vida quotidiana. O público, por sua vez, é convidado para este encontro, cuja estrutura, apesar de cíclica, mantém-se aberta às interpretações de quem o experiencia.

bio

João Figueira apresenta-se regularmente como criador, músico e performer, em diversos contextos. Destacam-se os espetáculos “tudo o que maria está a fazer é esperar pelo acidente acontecer” (2020); “voltas por um fio” (2021); “Os Mosqu3teiros” (2022) e “Uma conversa a quatro, entre duas, referente a oito” (2022). Thais de Melo mudou-se para Portugal para frequentar o Mestrado em Artes Cénicas da FCSH-UNL. No Brasil, integrou a Leandro Netto Cia de Dança, onde se dedicou a espetáculos com abordagem contemporânea. Trabalhou também, em outras instituições, como tutora pedagógica, diretora de movimento, coreógrafa e professora.



A Imposição

LAURA RÍOS



Ideia original e Coreografia: Laura Ríos
Material coreográfico e intérpretes: Wilmer Minyety, Laura Ríos, Abel Rojo, Mariela Tolentino
Música Original: Ivan F. Real
Figurinos: Laura Ríos
45 min
2022

sinopse

A Imposição é uma investigação que, a partir da análise sociocultural da mistura clássica entre um certo género musical e a sua própria dança, reflete sobre a posição do ser humano diante da violência na contemporaneidade. Não há dúvida de que fazemos parte de uma sociedade e de uma cultura que, direta ou indiretamente, nos condiciona no fazer, no ser. Imerso neste fenómeno, a individualidade coexiste na pluralidade, é a imposição de algo externo, que nos molda e muda mesmo a partir de sua negação; a linguagem, a estética, a moda do todo, a expressão corporal, o ritmo, a dança.

bio

Laura Ríos (Havana, Cuba, 1992), é uma bailarina, *performer* e criadora cubana. É graduada pela Universidade das Artes de Havana (ISA) em Dança Arte (2018). De 2010 a 2018 foi membro da companhia nacional Danza Contemporánea de Cuba e trabalhou com importantes coreógrafos nacionais e internacionais. Em 2020 integrou o PACAP 4 (Performing Arts Advanced Program) no Forum Dança (Lisboa, Portugal) com curadoria de João dos Santos Martins. Atualmente está sediada em Portugal e a sua prática como artista assenta na criação a partir do conceito, experimentação e aprofundamento no trabalho do corpo e dos seus limites.



Kind of Blue

LUA CARREIRA

Coreografia e conceito: Lua Carreira
Bailarinos: Teresa Pereira, Hugo Epié, Lua Carreira,
Saverio Cifaldi, Umut Özdaloğlu
Música: Christian Bisk Vismara
Vídeo: Teresa Martins e Martim da Silva
Design de Luz: João Pedro Fonseca
Figurinos: Margarida Sales
Cenografia: João Pedro Fonseca e Hugo Cantegrel

Produtoras: Inês Pinto e Ruana Carolina
Co-produção: MoonWalk.Reverse e EmFim -
Associação do Artista
Apoio à criação: Estúdios Victor Córdon, Arcade
Dance Center, Direção-Geral das Artes,
Fundação Calouste Gulbenkian, MONO, Câmara
Municipal de Lisboa.
2021

sinopse

Kind of Blue foca-se numa proposta de movimento que habita o vazio através da cor. Pintada por pincéis vivos, é inspirada e desenvolvida a partir das experiências performativas do artista Yves Klein. Esta peça é o culminar de uma pesquisa da relação entre matéria e vazio. Um tom de azul que representa a desmaterialização do corpo e uma zona neutra onde o ente se concentra nas suas sensações e na sua verdade. Uma ode às "Zones of Immaterial Pictorial Sensibility" através do paradoxo da figura de um corpo e a imagem da sua ausência.

bio

Lua Carreira nasceu em Lisboa a 19 de Março de 1997 e estudou na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional. Dançou no Ballet Junior de Genève e Compagnia EgriBianco Danza. Atualmente é bailarina *freelancer* e criadora em Portugal, co-fundadora da EmFim- Associação do Artista e dirige o seu projeto de dança MoonWalk.Reverse. Trabalha nas áreas da dança e *performance*.



DO NADA

SOFYA POLYAKOVA



Papel, madeira, plástico. Dança contemporânea, acrobacia, teatro, malabarismo.
18 min
2022

sinopse

DO NADA é um espectáculo de circo contemporâneo onde a dança encontra o teatro e o malabarismo. Fala de uma busca constante por algo significativo e de como nos podemos perder nesta busca, passando por todos os sonhos, memórias e desejos. A cenografia é feita de papel. Ela transforma-se durante o espectáculo, enriquecendo a imagem artística. Nesta viagem interior, o artista chega à conclusão: é tudo uma questão de foco. Onde está o seu foco? Onde está a sua atenção? Ai está a sua energia, e é isso que está a crescer.

bio

Sofya nasceu em 1995 em Moscovo e está actualmente sediada em Portugal. Começou o seu caminho para as artes a partir de um campo de dança contemporânea. Ficou muito interessada em técnicas de circo, tais como malabarismo e acrobacia, e em 2020 foi para Portugal para estudar numa escola de circo - INAC. Neste momento quer combinar diferentes formas de arte, tais como a manipulação de objectos, música, teatro, poesia numa só obra, com o domínio da linguagem da dança. O seu principal desejo nas artes é provocar o público para uma viagem interior.





Vencedor

Atum na chapa acompanhado de um puré de batata doce, cebolinhas caramelizadas e finalizado com um jus de cebola.

SIMÃO JARRO

2022

sinopse

Recorrendo a influências japonesas, procura utilizar produtos nacionais, mantendo a simplicidade da receita de forma a apostar na qualidade dos ingredientes. Prato pescetariano, o sabor agridoce do jus de cebola faz o fio condutor entre a doçura do puré e o atum, enquanto as cebolinhas assadas vêm reforçar a identidade do molho no prato. A pele de salmão traz mais vida e cor ao atum, mas também um elemento salgado e crocante ao prato. Atum na chapa acompanhado com puré de batata doce e cebolinhas assadas, finalizado com "jus" de cebola.

bio

Simão Jarro estudou Psicologia no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, mas a sua paixão sempre foi a cozinha, aprendendo de forma autodidata. Enquanto estudava, Simão juntou-se ao grupo José Avillez, onde trabalhou enquanto cozinheiro e pasteleiro, sem antes ter tido experiência académica ou profissional. Decide mais tarde abandonar o grupo para poder concluir o seu curso de psicologia. No entanto, não abdica da sua paixão e, após terminar os estudos, rapidamente volta a trabalhar na cozinha, desta vez no restaurante Alma do Chef Henrique Sá Pessoa.

Pesca Do Pacífico Colombiano

ANDRES CARDENAS
E ELISABETTA PERNA



2022

sinopse

Uma mistura de cozinha colombiana com influências portuguesas: um prato que por fora parece atum mas na realidade tem uma variedade de mariscos, quer ser uma metáfora que critica a pesca industrial pelas latas de atum na Colômbia que, da mesma forma, parecem conter atum, mas dentro levam de tudo, inclusive espécies marítimas em extinção. Uma cazuela de mariscos com flocos de atum e patacones.

bio

Andrés Cárdenas nasceu em tunja, Colômbia. Tecnólogo em gastronomia, apaixonado pelo resgate de sabores, técnica e cultura colombiana, e cozinheiro com mais de 8 anos de experiência na área, em várias cidades de Colômbia, Brasil e, nos últimos três anos, em Portugal. Em 2012 foi finalista no concurso mesas redondas realizado em Bogotá e participou em programas televisivos no Brasil e Colômbia.

Elisabetta nasceu numa pequena aldeia do centro de Itália, e ingressou por estudos principalmente humanistas e linguísticos. Trabalha como formadora de empresas e no tempo livre é fotógrafa amadora.

Humor



Vencedor se calhar alguém já falou disto

MIGUEL VALENTE

mp4
2022

sinopse

“se calhar alguém já falou disto” é um projeto vídeo, dividido por temas, com raízes no meu receio de alguém já ter tido as ideias que eu tenho ou já ter dito o que eu vou dizer. Assim, decidi falar sobre as coisas que quero falar, mas enquanto faço algum tipo de atividade; porque se calhar alguém já falou de tais assuntos, mas não enquanto realizava essas atividades. No fundo, isto não é mais do que uma resposta ao trauma causado pelos programas de deteção de plágio da faculdade.

bio

Miguel Valente tem 22 anos, vive em Oeiras e está desconfortável a escrever na terceira pessoa. Em 2021, licenciou-se em Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, especializando-se na vertente de Cinema e Televisão. Concluiu ainda uma formação em Guiãoismo para Cinema e Televisão na World Academy, em 2020.

Trabalhou como Treinador de guarda-redes de futsal, como Assistente de Produção e trabalha agora como Copywriter, a fim de ocupar parte do tempo que antes ocupava com o medo de subir a palco e de seguir o sonho de ser humorista.

Stand-up Comedy

AFONSO PAIVA



Stand-up comedy de Afonso Paiva
Porto Comedy Fest '21
2021

sinopse

Uma atuação que aborda alguns assuntos da vida em sociedade, dando a conhecer um pouco sobre quem é o autor. Muito através de imitações de vozes, faz a análise de temas do quotidiano, expondo a sua visão de humorista sobre indigência, avisos de trânsito na rádio, possíveis ataques cibernéticos, *reality shows* e outros assuntos... Numa série encadeada de piadas, mostra o seu lado cómico e ligeiramente atrapalhado, com espaço para momentos de humor espontâneos que possam surgir.

bio

Nascido e criado em Coimbra, Afonso Paiva é uma pessoa que não aprecia biografias que começam por “nascido e criado...”. Todavia, a nossa vida costuma começar quando nascemos. É formado em design, comunicação/jornalismo e brevemente será professor de EVT. Refere-se a si próprio na 3ª pessoa do singular na medida em que isso o faz parecer mais importante. Tem 28 anos e diz-se humorista, fazendo *stand-up comedy* com recurso a imitações de vozes. Agora o número de caracteres desta biografia começa a atingir o limite máximo e a frase deve ficar a mei...



10 minutos de atuação *stand-up comedy* no âmbito do concurso “O Último a Rir”
2022

Stand-up Comedy: O grito pela minha identidade

BRUNA CUNHA

sinopse

À medida que a minha personalidade se ia desenhando, havia sempre um conjunto de características que permaneciam inalteradas: o silêncio. A suposta tranquilidade. A vontade de não contribuir para a desordem. Pelo que me diziam, isto fazia de mim uma pessoa fixe, fácil de lidar e de manter por perto. Comecei a perceber que, ainda que profundamente mergulhada na minha timidez, conseguia fazer os outros rir — aliás, bastou um riso pouco sonoro para querer ouvir aquela melodia ampliada para o resto da minha vida. O humor já não é muleta. Não é uma justificação. É quem eu sou.

bio

Em 2015, licenciiei-me em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. No meio, Erasmus em Atenas, onde aprendi que há assuntos que só podem ser entendidos com uma mochila às costas e olhos famintos. Dois anos depois fiz o Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura na Universidade do Minho com uma tese sobre os limites socioculturais do humor negro em Portugal.

Em 2018, escrevi um conto infantil que foi entregue a centenas de alunos nas escolas primárias e em 2022 lancei o meu primeiro livro de poesia que foi distribuído em formato físico e digital.

Sou *stand-up comedian* e *marketeer*.



As Notas de Zero Euros (elucidoscópio)

LILI PEREIRA



Motion Design, Animação 2D
Software: Adobe After Effects, Adobe Photoshop.
Título: As Notas de Zero Euros (Elucidoscópio).
2020

sinopse

Elucidoscópio é um canal com vídeos ocasionalmente educativos e supostamente engraçados, publicados sempre que dá na telha da autora. O primeiro vídeo do canal, intitulado “As Notas de Zero Euros” aborda, inesperadamente, as notas de zero euros. É daqueles conteúdos para ver, dizer “Ah, que giro, desconhecia!”, e esquecer ao fim de duas horas. Tem três minutos e sete segundos de duração, o mesmo tempo que demora ouvir a canção ‘Amar pelos dois’ de Salvador Sobral, ou ‘Faz gostoso’ da Blaya. O vídeo tem imagens e sonzinhos.

bio

Lili Pereira nasce em 1992 puxada a fórceps. Com liberdade para ser tudo o que entendesse na vida, Lili decide ser uma desilusão. Em tenra idade demonstra um promissor talento para coisa nenhuma. Licencia-se em Arte e Design, revelando uma aptidão para o desenho equivalente à de um babuíno com um pincel. É autora de vídeos educativos no canal de YouTube intitulado ‘elucidoscópio’, palavra inventada pela própria e cujo nome rapidamente se arrepende de dar por ninguém fazer puto ideia o que isso quer dizer. É natural de Leiria, cidade onde por embirração ainda lá vive.



2022

Ideia - Do nascimento ao culminar

MANEL ROSA

sinopse

Manel é comediante, faz *stand-up comedy* e cria conteúdo para as redes sociais. Este vídeo é o dissecar da ideia desde o momento em que ela nasce ao momento em que se concretiza. Está dividido em 6 segmentos: Ideia; premissa; escrever; teste; gravar; editar/publicar. Cada um deles retrata uma parte do processo criativo de um vídeo que é publicado nas redes sociais.

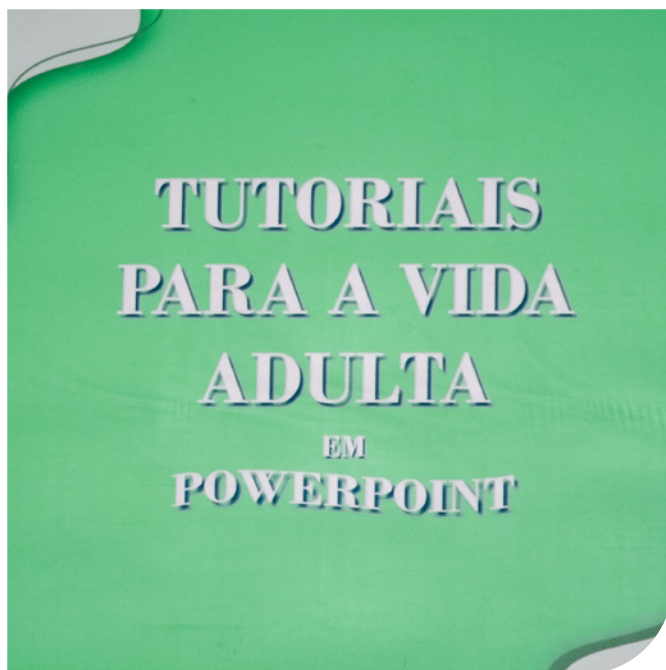
bio

Manel Rosa tem 19 anos e faz *stand-up comedy* desde os 15. É estudante na Faculdade de Letras onde explora outros temas para além do humor. Cinema, por exemplo. Ambiciona fazer da comédia profissão e é para isso que trabalha publicando vídeos regulares nas suas redes sociais.



Tutoriais para a Vida Adulta em PowerPoint: Como Lavar Roupa

PEDRO MARQUES



PowerPoint/Vídeo
2022

sinopse

O aclamado Dr. Franquelim Pinho recorre ao PowerPoint para explicar aos jovens como executar com mestria uma das tarefas basilares da vida adulta.

bio

Pedro Marques nasceu em Guimarães em 1996, porque Vizela não tinha (e ainda não tem) hospital. Licenciou-se em Línguas e Culturas Orientais pela Universidade de Minho, exercendo quase exclusivamente em almoços de família, quando os tios pedem para dizer brejeirices em japonês. É um ávido cibernauta desde 2006 e nunca teve uma única discussão através da Internet. Nunca usou sequer o botão "Não Gosto" do YouTube. É apaixonado por PowerPoint, aplicação que usava para passar o tempo depois de esgotar o *plafond* da banda larga nos três primeiros dias do mês.



2022

Página Solta

RITA MENDES
E BEATRIZ NERI

sinopse

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...
O mundo precisa, as poetisas sonham, a página solta nasce...
Um projeto de vida que procura consciencializar esta sociedade decrépita, através de palavras que tocam na alma dos que, como nós, querem escapar do dia a dia turbulento. Sempre que pegamos na caneta, pensamos para nós mesmas, o que é que o mundo precisa de ouvir hoje? Poesia de amor? Poesia de intervenção? Poesia violenta? Escárnio e Maldizer?
De gola alta e pés descalços cumprimos o nosso dever, a nossa obrigação como artistas. Inspiramos o mundo e expiramos poesia.

bio

Rita Mendes, 23 anos, Lisboa. Iniciou-se no mundo artístico na Academia Tin.Bra, em Braga, onde trabalhou em *performances* de rua e peças de teatro infantis. Licenciou-se em Teatro na Universidade do Minho e agora trabalha como atriz em diferentes áreas do teatro. Beatriz Neri, 22 anos, Braga. Deu os seus primeiros passos na Academia de Teatro Tin. Bra, onde fez trabalho de animação de rua e teatro com foco na criança. Mais tarde ingressou na ESMAE onde se licenciou em Teatro - Variante Interpretação. Agora realiza trabalhos em diferentes áreas do teatro, como teatro musical, teatro físico e animação de rua.

Filhos Criados

RODRIGO DUARTE,
JOÃO MOREIRA
E JOSÉ PEDRO
RODRIGUES



Espetáculo de *Stand-Up Comedy* dividido em 3 atos. Cada ato é um set de 20 minutos de cada um dos comediantes, totalizando 1h de espetáculo. Sem intervalos.
2022

sinopse

Num país onde é tão difícil ter casa própria e a estabilidade financeira é uma miragem, para muitos jovens a única ideia de família que têm é a que conhecem desde sempre.

Rodrigo Duarte, José Pedro Rodrigues e João “Bot” Moreira são 3 *stand-up comedians*, mas acima de tudo são três jovens portugueses em Portugal que, com humor, contam as realidades, peripécias e traumas das famílias portuguesas que conhecem... as suas.

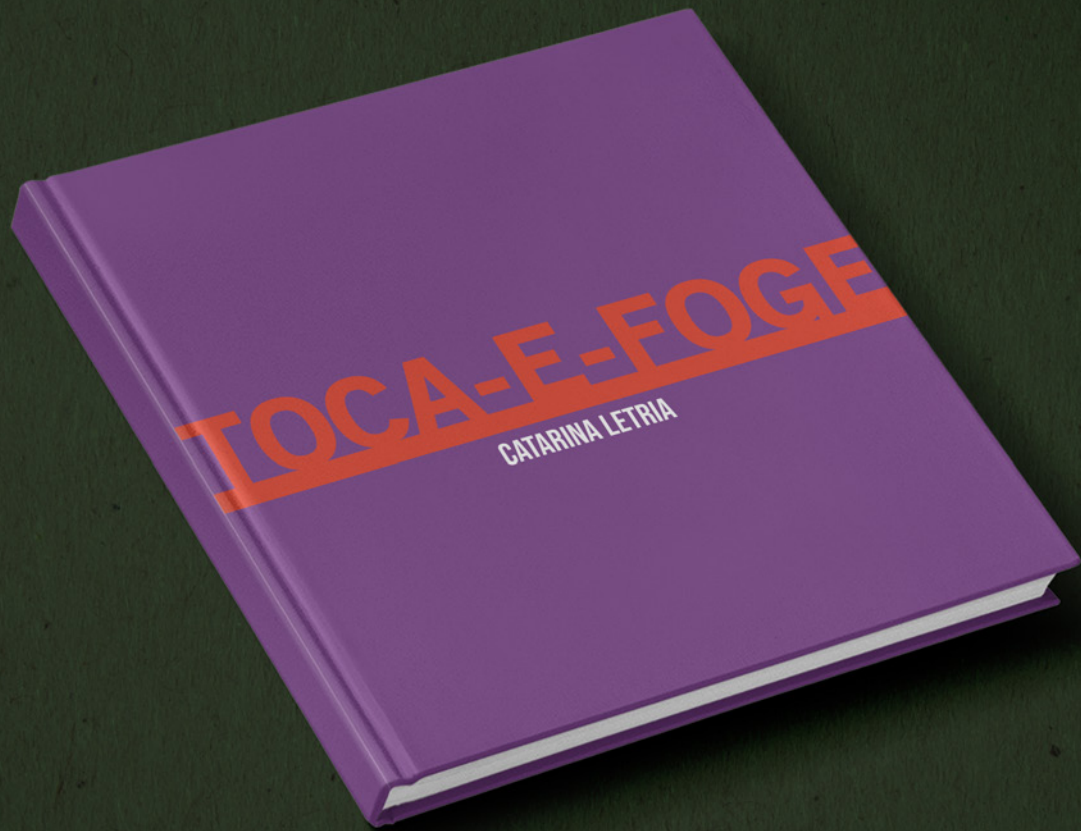
Prometem então superar as peripécias familiares e divertir o público com as suas visões sobre o que é isso de ser filho com 30 anos.

bio

Rodrigo Duarte, José Pedro Rodrigues e João “Bot” Moreira são três comediantes que se conheceram entre *sketches* para o Instagram e atuações de norte a sul do país. Cada um deles conta com mais de 100 atuações, como *openers*, anfitriões, comediantes convidados e *head-liners*. Quando deram por si, notaram que se queixavam praticamente das mesmas coisas e tinham mais do que condições suficientes para montar um espetáculo.

Literatura





Vencedora Toca-e-foge

CATARINA LETRIA

2022

sinopse

Toca-e-foge é um conjunto de deambulações sobre sítios, sentimentos e os limites da memória.

bio

Catarina Letria nasceu em 1997 em Lisboa. Como gosta de histórias, fez a licenciatura em História. Acabou recentemente o mestrado Erasmus Mundus “*History in the Public Sphere*”, do qual foi bolseira durante dois anos. A sua pesquisa incidiu sobre fontes audiovisuais, procurando saber de que forma a RTP retratou a independência de Moçambique em 1975 e questionando as relações entre os *media* e a História.

Diarístico

ANDRÉ PAIVA



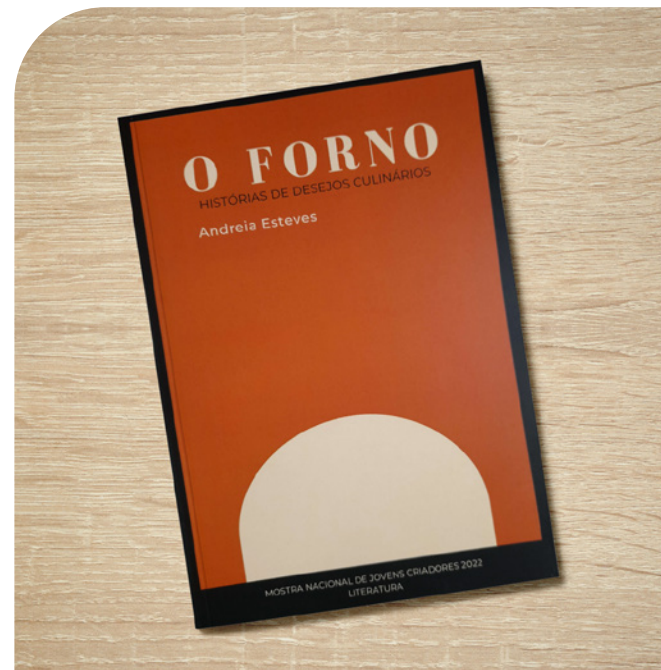
2022

sinopse

Continuamente dou por mim a escrever o passado da minha vida futura (uma proposta qualquer irrecusável de realidade adquirida, mas não bem), e divido os meus dias entre variadíssimos escrúpulos (por exemplo, averiguar se há mais cadeias de supermercados a oferecer casas aos fins de semana). E não, não sou malabarista, nem neurótico. No fundo, a minha existência é adrede quotidiana, diarística, e esse facto não só me oprime como me fascina. Talvez por isso (e por tudo o que não foi dito e o contrário disso ainda), escreva. E se seria esta a foz da minha curta reflexão, bom foi não a ter pensado.

bio

Não gosto de escrever biografias, embora não me importe de as ler. De resto, tenho trinta anos, sou Geólogo, mas estou a concluir uma segunda licenciatura, em Português, pratico desporto e leio. Talvez pudesse acrescentar um ou outro elemento substantivo a este parágrafo, e sei que o tom que me descreve é conciso e desenfreado, mas prefiro assim. Nele deposito a minha verdade mais desapegada: a de alguém que se assume como um homem normal, filho e irmão amado, esposo amadíssimo, que procura viver bem, sem grandes trunfos nas mangas. O meu nome é André Paiva e, em busca da melhor conclusão, admito que sou feliz.



Texto: Andreia Esteves
Design da capa: Andreia Esteves
Impressão e Encadernação: Rui Belo/Mil Ideias
2022

sinopse

O Forno é um conjunto de histórias sobre desejos culinários. Desejos doces, salgados, amargos, urgentes. Através de memórias de infância, receitas de família e sonhos antigos, cada uma das mulheres apresentadas nesta obra encontra na comida uma máquina do tempo que une passado, presente e futuro.

bio

Andreia Esteves é formadora e escritora *freelancer*, dedicando-se à criação de conteúdos sobre saúde mental, bem-estar e literatura para publicações internacionais, como a Healthline Inc. e a POPSUGAR UK. É licenciada em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Escrita de Ficção pela Universidade Lusófona. Possui também formação especializada em Biblioterapia, Cineterapia e *Waking Dream Therapy* pelo Instituto CRIAP. Quando não está a escrever, ou a gritar com o seu computador, podem encontrá-la com um livro entre as mãos e uma chávena de chá a acompanhar.



O Forno: Histórias de Desejos Culinários

ANDREIA ESTEVES

MATAR CATOS POR AFOGAMENTO

EDMILSON GOMES DOS SANTOS



Conto
2022

sinopse

Celeste é uma nonagenária temperada pela complexidade da sua espécie e moldada pela sua degradante relação com a gravidade. Orgulha-se de ter nascido antes das palavras se sobreporem aos gestos e nutre uma relação de simbiose com os pombos que a visitam. Morais Teixeira é um farmacêutico de meia-idade que cumpre todas as suas tarefas com resignação. Ao final de um dia de trabalho, é atraído por um cortejo fúnebre que arrasta uma multidão pelas ruas da cidade. MATAR CATOS POR AFOGAMENTO reúne dois contos, A PONTUALIDADE DAS AVES e O CORTEJO, que pretendem ser elaborações fracassadas sobre sentido e propósito.

bio

Edmilson Gomes dos Santos (S. Tomé, 1996). Mestrado em Ciência Política (2020) e licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais (2018) pela Universidade da Beira Interior (Covilhã). Frequentou a escola de atores IN IMPETUS (Lisboa, 2014/ 2015). Integrou o elenco do TEATR'UBI (2015 - 2019) como ator e cocriador. Faz parte do elenco da ASTA TEATRO (2020 - presente). Em 2021 venceu a primeira edição do Prémio Literário Aquilo Teatro – Novas Dramaturgias, com a obra PRIMATA ORDINÁRIO. Atualmente, para além de ser ator, trabalha na implementação de projetos nas áreas da cultura e da educação.



ISBN: 9789899092334
Ano de edição: 04-2022
Editor: Edições Esgotadas
Idioma: Inglês, Português
Dimensões: 138 x 207 x 13 mm

sinopse

Ele entra. E assim começa a história, várias vezes. Ela sai. E assim continua a história, várias vezes. No folhear deste livro viveremos num vórtex de recomeços que nos levam numa viagem atribulada. Trespessando uma névoa de memórias percebemos que a linha entre a realidade e a ficção é muito ténue e faz-nos questionar o passado, o presente e o futuro. Nesta solitária viagem a dois ele será a turbulência dela e ela a dele. Dentro do pequeno cosmos que se cria nestas páginas seremos esbofeteados pelos antagonismos da vida, pois a vida não é linear, a vida não é uma ficção, mas, se pensarmos bem, podia ter sido.

Antagónico

GABRIEL GOMES

Encadernação: Capa mole
Páginas: 209
Tipo de Produto: Livro
Coleção: Intermitências

bio

Nasceu em 1996, em Viseu. Licenciou-se em Teatro – Ramo de Atores, na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Estreou-se em 2010 no Teatro Viriato, em Viseu, tendo sido dirigido em várias produções por Graeme Pulleyn, Márcio Meirelles e Giacomo Scalisi. Fundou em 2016 a companhia de teatro ArDemente, com a qual trabalha como ator criador. Fez dobragens para a Netflix e a SIC K. Já publicou as obras “Éramos Nós, Uma Arma e Nós” (2016) e “Antagónico” (2022). Coordenou workshops pelo país e em Macau, China. Atualmente frequenta o mestrado de Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



O Pau das Minhas Costas

MARCOS ANDRÉ DA SILVA
ESBERARD BILRO



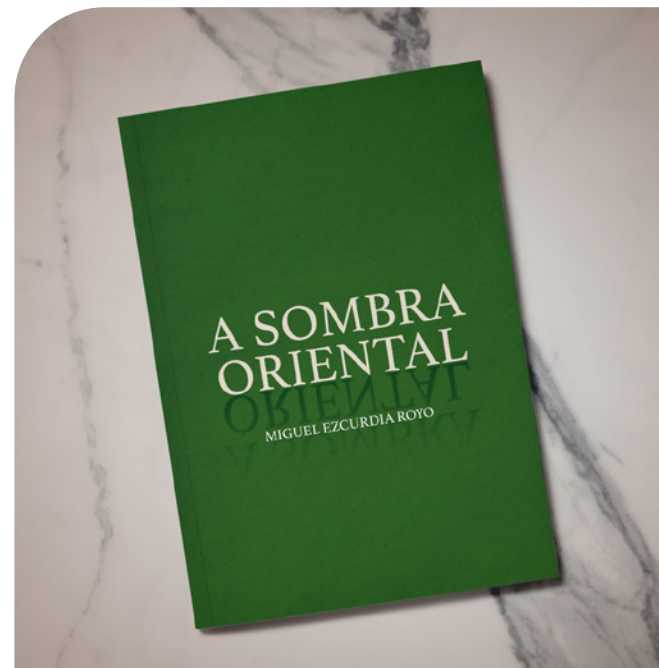
Conto
2022

sinopse

Um homem recorda o impacto que um simples objecto diário teve na sua infância e na sua vida.

bio

Marcos Bilro tem 27 anos. Estudou Ciências da Comunicação pelo ISCSP e daí arrancou para uma carreira na área do marketing. Nos seus tempos livres, co-produziu a rubrica Cartaz Cooltural durante 2 anos no Canal Q e escreveu episódios avulso de "Retrocoisa" para a RTP. Em 2022, coproduziu a curta-metragem Chuvas de Março, que venceu o prémio Novos Talentos organizado pela FNAC.



2020

A Sombra Oriental

MIGUEL EZCURDIA
ROYO

sinopse

Um fenómeno de aparência sobrenatural ameaça a cidade onde se encontra a personagem. As pessoas desaparecem do dia para a noite sem deixar vestígios. Nem sequer um cadáver certifica a morte. Chamam-lhe Sombra Oriental, porque a luz afrouxa pelos lugares onde passa. Decreta-se o recolher nocturno obrigatório. Ordena-se que as luzes das casas estejam sempre ligadas durante a noite e as persianas abertas para afugentar o medo. Mas as pessoas continuam a desaparecer de forma misteriosa, a um ritmo cada vez mais inverosímil.

bio

Miguel Royo (1993) é arquitecto, nascido em Valência e criado no Porto. A sua produção artística oscila entre a literatura e o cinema. Realizou em co-autoria a curta "Ípsilon", vencedora do concurso Building Pictures, e a curta experimental "Sueño Ivre in the Red Haus", seleccionada para o festival Loading Day. Colaborou nas revistas Dédalos, Caliban, Enfermaria 6, The Jim Morrison Journal e The Apollonian com poemas, crónicas, ensaios e artigos científicos. Em 2021, publicou o seu primeiro livro de poesia, "Na Pedra a Luz Afia o Gume", com a editora Fresca.

Histórias Viandantes

RUI MIGUEL CERQUEIRA
COELHO



Conjunto de contos
2021

sinopse

Histórias Viandantes é um projeto que mistura literatura, ilustração e arte urbana para tentar dar voz às ruas e pôr a cidade a contar-se a ela própria. A partir da recolha de histórias locais, fantasiaram-se os contos, que deram origem às ilustrações e acabaram nas paredes de algumas ruas, em Viana do Castelo. Em qualquer narrativa há um caminho: vamos do início para o fim, se não na história, no nosso entendimento no mínimo. Os contos aqui apresentadas são alguns desses caminhos.

bio

Sou natural de Viana do Castelo e formado em Biologia. Estudei também Ilustração, mas é na escrita que me sinto realizado. Trabalhei como guia de natureza, numa ONG ambiental, entre várias outras coisas. Tenho dois livros publicados ("A Migração das Alforrecas", Livros Horizonte e "O Meu Amigo Ferrabrás", Truz Truz Editora) e a felicidade de ter recebido alguns prémios literários (Nortear 2016, Branquinho da Fonseca: Literatura Infantil 2019, Jovens Criadores: Literatura 2021).

Moda



Vencedores

INTRA

CAROLINA DURAN,
LEONARDO MOURA
E MAFALDA FIDALGO

Coleção de 5 coordenados com um total de 18 peças. Tecidos e fios de deadstock de fábricas portuguesas (Riopele, Vilarinho, San Martin, Troficolor, Ferreira de Sá). Organza verde e dourada sobrepostas, tafetá inteligente com reflexos cobre, mistura de lã cor de vinho, viscose coral, sarja violeta, bombazine branca, algodão para os forros e retalhos de fios 100% lã, entretela term. 2022

sinopse

INTRA representa uma reflexão sobre o impasse, a dúvida, e o bloqueio que sentimos num momento de pós-licenciatura. Um manifesto de oposição ao sistema individualista e capitalista da moda, assente em valores de partilha e comunidade, dividido em 5 momentos: formatação/ confronto/ desintegração/ libertação. A principal referência artística da coleção, a dança japonesa Butoh, baseia-se na ideia da anulação do próprio ego, unificando memórias negativas num ato de libertação coletivo. Esta tentativa de retorno assemelha-se à nossa condição atual, uma necessidade de regressar ao início, ao centro, ao interior (INTRA).

bio

Carolina Duran (22 anos) e Leonardo Moura (25 anos) nasceram em Lisboa e estudaram Produção Artística na Escola António Arroio, em diferentes períodos.

Mafalda Fidalgo (23 anos) nasceu em Espinho e mudou-se para Lisboa em 2018, para estudar Design de Moda na Faculdade de Arquitetura. Foi assim que os três designers se cruzaram e se uniram pelo interesse comum pela vertente mais experimental e conceptual da moda. Em 2022 apresentaram a sua primeira coleção na plataforma Bloom, inserida no Portugal Fashion. A partir deste projeto, estabeleceram um coletivo artístico multidisciplinar intitulado "Intra Collective".



Portugal do sonho à realidade

FRANCISCA DAS NEVES
PEREIRA ISABEL



Coleção de 5 coordenados. 100% Algodão Orgânico, 95% Poliamida, 5% Elastano, 94% Algodão, 06% Spande, 97% Algodão Orgânico, 3% Elastano, 98% Algodão Orgânico, 2% Elastano, Denim S/Stretch, Sarja, Bombazine, Acolchoado Branco, Denim C/Stretch, Veludo, Risca Giz Castanho, 100% Acrílico, Sarja Denim Branca. 2021

sinopse

Portugal é conhecido como o país dos 3 F's, a analogia com a trilogia salazarista que descreve uma narrativa fatalista. Futebol, Fátima e Fado são os três pilares da cultura "tuga", num sentido pejorativo que talvez de negativo nada tenha na verdade. Inspirada no que identifico como *camp* na cultura onde cresci, a coleção é o dissecar do sentimento de amor-ódio que criei com Portugal. O abraçar a cultura "tuga" no estado mais puro, livre de juízos de valor.

bio

Francisca Isabel é formada em Design de Moda e Têxtil pelo IPCB, em Castelo Branco. Foi entre Fátima e Ourém que cresceu mas, atualmente, vive pelo Porto onde estuda na Modatex. A Amorfo é a marca que apresenta, numa extensão das suas divagações artísticas, onde o único fio condutor é a identidade da designer.



Vejo Flores em Ti

JENNIFER OLIVEIRA
BARBOSA

Tela plástica para a estrutura das peças, papéis coloridos para a ornamentação e confecção das peças. Modelagem tridimensional em tela plástica e ornamentação de flores de papel para a composição das peças. 2022

sinopse

A coleção "Vejo Flores em Ti" é inspirada nas Festas do Povo de Campo Maior (Festa das Flores), uma festa resultante da união e vontade popular, que se realiza quando o povo quer. Através dessa vontade os moradores unem-se para construir juntos as infinitas flores de papel que vão decorar e alegrar a Vila de Campo Maior. Rosas, cravos, tulipas, glicínias, papoilas, ruas "enramadas" fruto de um trabalho longo de muitos meses, com muita dedicação, carinho e amor. E, assim, com o papel nas mãos e com muita criatividade e união, o povo ornamenta e reflete a bela alma alegre da sua Vila.

bio

Designer de Moda. Brasileira, nascida em Goiânia - Goiás. Bacharel em Design de Moda, especialista em Produtos e Processos Criativos. Possui MBA em Gestão dos Processos Produtivos do Vestuário. Trabalhou como Designer de Moda durante 4 anos no Brasil, em marcas de moda feminina e masculina. Em 2020 imigrou para Portugal, fixando residência no distrito de Portalegre em Degolados, Campo Maior. Atualmente é mestrandia em Design de Identidade Digital pelo Instituto Politécnico de Portalegre. Tem disponibilidade para o mercado de trabalho português na sua área de atuação (moda, modelagem, design, criação).

Etéreo

LAURA SOUSA



Coleção de 5 coordenados. Ganga branca 100% algodão, módulo de flores, argolas e correntes em aço inoxidável, pele/napa, sarja, ilhoses em latão/aço inoxidável. Corte a laser e costura. 2022

sinopse

“Etéreo” é uma cápsula que tem como inspiração quebrar ideias pré-concebidas incutidas na infância sobre a separação de géneros. Frases como “jogos de rapazes” ou “coisas de meninas” são-nos familiares e, por norma, as brincadeiras associadas ao feminino são as que requerem menor pensamento e/ou estratégia.

Assim, apresento uma coleção hiper-feminina repleta de florais que aparecem em forma de têxteis modulares inspirados em puzzles e/ou encaixáveis, emaranhados de tecido e correntes que lembram quebra-cabeças. É uma simbiose que transcende preconceitos e que pretende elevar o têxtil aliando-o à tecnologia.

bio

Laura Sousa é designer, empreendedora e curiosa no cruzamento da moda com tecnologia. Licenciou-se na FAUL em Design de Moda, terminando o seu último ano em Kingston School Of Arts (Londres). Mantém a sua própria marca desde os 16 anos e, actualmente, dentro do seu percurso criativo, procura encontrar formas alternativas de vestuário e desenvolvimento têxtil aliando a tecnologia do corte-a-laser às suas criações. O interesse pela moda modular, encaixe em substituição da costura veio a destacar alguns dos seus melhores trabalhos e um prémio na 1ª Edição de 2022 da Portuguese Fashion News.

WAR SONS

MAFALDA SOARES



Coleção de 5 coordenados. Tecido alcochoado, elásticos, ajustadores, precinta, fivela, botões, sarja (estampada), fecho invisível. 2022

sinopse

WAR SONS é uma coleção que reflete os novos anos 20. Caos, conflito, violência, crueldade, desordem - Guerra. Brilho, saias curtas e conforto - Juventude.

Esta coleção é a fusão de dois universos que coexistem simultaneamente. Simboliza a juventude que acabou de ultrapassar uma pandemia, e que, se vê obrigada a crescer num conflito político.

Passados poucos anos, vemos a história a repetir-se. Mais uma guerra. Mais um conflito de interesses. Mais uma geração que vai ter de lidar com as consequências deste evento. Mais uma geração que é filha da guerra, daí o nome WAR SONS.

bio

Mafalda Soares é aluna de segundo ano do curso Design e Produção de Moda da Universidade Lusófona de Lisboa. Tem 21 anos e é de Sintra, Lisboa. Esteve um ano a estudar na Faculdade de Letras mas, entretanto, percebeu que não era o que queria seguir e saiu do curso. Durante um ano, aprendeu a costurar sozinha e criou a sua própria marca - Mafalda Soares Label - onde faz tudo por conta própria (design, modelação, costura, distribuição). Ambiciona expandir a sua marca e crescer enquanto profissional na área.



MODA



MODA

Exolvuntur

MARIANA FILIPA
GODINHO SOARES



Cápsula para desfile de 5 coordenados. Fio 100% Algodão. Tricot e crochet manual. 2022

sinopse

“Exolvuntur” é a materialização da ideia de inevitabilidade do ciclo da vida Humana. O *moodboard* começa por nos dar símbolos de conforto, de proteção, de inocência. Aos poucos transformam-se e começam a espelhar a curiosidade e o desenvolver do ciclo, terminando com o escuro desconhecido. Desta linha de pensamento surgiu a ideia de uma cápsula que regressasse às origens de uma das melhores técnicas *zero waste* de produção de vestuário: o *tricot* manual. O início do ciclo. Uma tela em branco. Pronta a ser transformada, moldada, trabalhada, alterada conforme a vontade pessoal do utilizador. Começa a metamorfose.

bio

Licenciada em Design de Moda, na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Mariana terminou recentemente o mestrado em Design de Moda, na mesma faculdade. A sua paixão pela moda surgiu pelo design de personagem, através da ideia de como a roupa ajuda a construir a personalidade. Traduzido livremente, “*ikigai*” significa “razão de ser” e foi da busca por essa “razão” que surgiu o projecto homónimo. Num mundo que prospera do descartável, foi no *tricot* e no *crochet*, técnicas artesanais e tradicionalmente sem desperdício que encontrou o seu *ikigai*.



MODA



Coleção de 5 coordenados. Algodão com bordado inglês, fazenda xadrez, ganga, algodão com bordado, tecido estampado, jacquard estampado. 2022

sinopse

“*Souvenir: a thing that is kept as a reminder of a person, place, or event*”, Dicionário Oxford. Antigamente, as pessoas tinham uma relação muito mais sentimental com as coisas. Exemplo disso são as roupas, seja porque as ligavam a uma memória ou a um momento especial onde as usaram, ou mesmo pelo preço que custaram. Pretendo com esta coleção transportar esse sentimento nostálgico de posse de peças de roupa. Para isso, apresento peças confortáveis, divertidas e intemporais, com diversos tipos de cores, padrões e texturas, que permitam a quem as vestir, a construção de memórias e momentos inesquecíveis associados ao seu uso.

bio

Natural de Setúbal, tenho 20 anos e sempre fui apaixonada pela arte, especialmente pela moda. Desde pequena que tenho uma mente criativa, acabando por estudar Artes Visuais no secundário, onde experimentei diversos tipos de arte (escultura, fotografia, desenho e pintura) e revelei curiosidade pela área têxtil. Como designer a minha paixão é fazer roupas com personalidade em que as pessoas se sintam bem ao usá-las.



MODA

Souvenir

MARIANA VITORINO
RAMOS

Inner Child

RITA TEIXEIRA



Coleção de 5 coordenados. Fibras naturais e sintéticas, 100% algodão orgânico, peça de encaixe 100% PLA, Molda de Pressão 100% latão, Molda de Pressão 100% Plástico, Linha de costura 100% algodão.
2022

sinopse

“Inner Child”, a criança interior, é a parte do subconsciente que guarda emoções, memórias e crenças da infância. Esta coleção retrata o percurso de autoconhecimento a partir da ligação com a infância, onde cada coordenado representa uma etapa desse percurso, nomeadamente, a origem, a autodescoberta e a fragmentação. Assim, cria-se uma atmosfera alegre e colorida característica das crianças, a partir da manipulação e *upcycling* de resíduos têxteis.

No final, continua presente a conexão. Continuará dentro de nós a criança que expressa emoções genuínas. Uma conexão escondida dentro das próprias peças.

bio

O meu nome é Rita Teixeira, tenho 21 anos e sou recém-licenciada em Design de Moda. Desde muito pequena sempre adorei desenhar e criar. Nas minhas memórias mais antigas recordo recortar revistas de moda e costurar peças para as minhas *barbies*. Embora a minha visão tenha mudado com o passar do tempo, a paixão continuou. Até hoje, o meu percurso académico está ligado ao design de moda e às artes, com muitos desafios e aprendizagens no caminho. Atualmente sou criadora da marca BLEND'OUT e a coleção “Inner Child” é uma junção do conceito da marca com os meus valores pessoais e profissionais.

Música



MODA

Vencedores esquissofrénico

JÓNATAS TOTA PEREIRA
E EU.CLIDES

Reprodução digital, áudio, design digital,
visualizers gerados algoritmicamente,
álbum musical.
2022-2023

sinopse

O que é a canção de protesto no contexto português do século XXI? Que relevância tem essa atitude num contexto global de pluralismo quase absoluto e de digitalização a um ritmo frenético? “esquissofrénico” é uma possibilidade de resposta a estas perguntas. Canções despretensiosas, gravações de campo, lírica estilhaçada e inquiridora e uma vasta exploração de atmosferas, de texturas, e ressonâncias. Num processo audio-ecológico, aproveitamos as potencialidades composicionais que a reciclagem desse material aparentemente efémero nos oferece. Posto de forma simples, abraçamos o fragmento como produto acabado.

bio

Jónatas TOTA Pereira (1996) é músico, compositor, artista, escritor, letrista e professor. Estudou saxofone no conservatório, licenciou-se em Música pela Universidade de Aveiro e fez o mestrado em Composição Musical pela ESMAE. Lançou “A Grande Comichão” (2018) e “TOTAFOBIA” (2020). Colabora como letrista de EU.CLIDES e é seu músico ao vivo. Está a gravar dois álbuns. EU.CLIDES (1996) nasceu em Cabo Verde e cresceu em Portugal. Estudou guitarra clássica no conservatório. Foi premiado em várias competições. Mudou-se para Paris aos 20 anos onde começou uma viagem como guitarrista. Fez digressão com Daara J Family e Mayra Andrade. Como EU.CLIDES lançou “Reservado” (2021), participou no Festival da Canção 2021, Sónar Lisboa e NOS Alive e foi o artista revelação dos prémios PLAY 2022.



Metamorfose

EQUINÓCIO



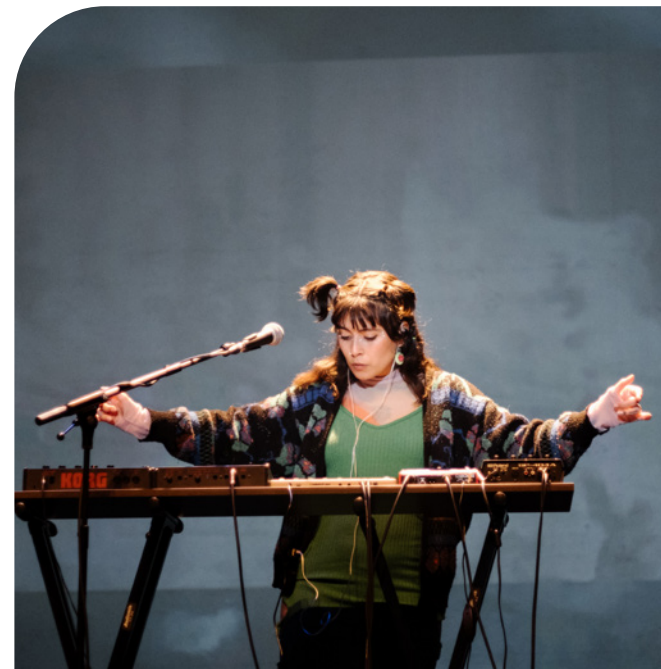
2022

sinopse

Os Equinócio editam, em 2022, o EP de estreia “Metamorfose”. Com passagens pelo *jazz*, *pop*, *folk*, eletrónica e *R&B*, surgem 6 faixas originais, interpretadas em português e inglês. Os temas contam com a colaboração de vários músicos portugueses, como Isabel Azevedo (flautista), Catarina Silva (acordeonista) e Francisco Sá (trompetista). O EP inclui os singles “Dentro de Mim”, “Moreno” e “Oarendê”, com a participação das redoma, dupla formada por Carolina Viana (cantora e rapper) e Joana Rodrigues (produtora). Nesta “Metamorfose”, os Equinócio guiam uma viagem com início no “dentro” e a passagem até ao “fora”.

bio

Beatriz Capote e Diogo Santos formam os Equinócio. Criado em Aveiro, o grupo surge em sessões de improviso, em 2019. Beatriz Capote é cantora e violinista. Natural de Aveiro, começou a formação musical no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian. Estudou no Porto, em Itália, formou-se mestre em Ensino de Música, em Aveiro, e é também vocalista e teclista dos Perpétua. Diogo Santos é pianista e compositor. Natural da Guarda, iniciou os estudos musicais em Leiria. Licenciou-se e tirou mestrado em Música, na Universidade de Aveiro. Em 2020, criou o projeto Philip, com arranjos clássicos de canções *pop* ao piano.



atenção

EVAYA, POLIVALENTE E
TOM MACIEL

Música Escrita por: EVAYA, polivalente e Tom Maciel.
Produzida por: EVAYA e polivalente
Letra: EVAYA
Mistura e Masterização: Kiko Mori.
2021

sinopse

O instrumental de “atenção” serve um ambiente de paisagens sonoras etéreas, em camadas suaves de efeitos, ritmos eletrónicos dançantes e suaves pinceladas de eletrónica experimental. No videoclipe que acompanha a canção, EVAYA dança numa improvisação guiada como ritual de purga - a improvisação abre vários caminhos para a auto-realização, auto-disciplina e auto-crítica. É infinita por se encontrar em constante movimento. Não tem início nem fim. Improvisar requer máxima atenção e estar atente é o primeiro passo para o autoconhecimento. É a recolha ao ponto 0. É a fonte mais pura da criação.

bio

EVAYA é produtora, compositora e cantora, natural do Poceirão. Em 2020 lançou o seu primeiro EP “INTENÇÃO”. Faz parte da coletânea FNAC Novos Talentos 21 com a canção “doce linguagem”. polivalente é músico, compositor, produtor e artista plástico. Em 2019 lançou o seu primeiro LP “A Revolta dos Hipersensíveis”, co-produzido com Tom Maciel. Produziu também o LP de Leo Middea, “Vicentina”. Tom Maciel é multi-instrumentista, compositor, produtor e professor. Participa em diversos projetos, entre eles Whosputo, Landscape, Cintia, Evaya e Polivalente. Enquanto compositor, desenvolve projetos como o trio Mancha.



Capocu

GABRIELLY



Composições de Gabrielly, que gravou violão, guitarra, viola caipira, baixo, acordeon, bateria, caxixi, assobios, voz e fez a pós-produção das faixas.
12:58 min.
2021

sinopse

O EP Capocu, lançado em março de 2021, é o trabalho de composição e experimentação musical e poética da multi-instrumentista Gabrielly, natural de Fazenda Rio Grande, Brasil. As composições Capocu, Rio Iguaçu, Ipê Amarelo e Olaria são uma representação sonora do presente e de um passado distante, fantasmagórico e rural de Capocu – hoje, um espaço urbano e industrial de uma cidade dormitório do sul do Brasil. Gabrielly conta um caso que se move pelo tempo e pelo espaço dessa região assombrada pela destruição da memória e da natureza. Nas violas e guitarras delirantes, nos assobios e na chuva trêmula, a psicadelia.

bio

Gabrielly é multi-instrumentista e compositora. É natural de Fazenda Rio Grande, Brasil e vive há seis anos em Portugal. Em 2021, lançou seu EP Capocu, gravado e produzido em casa pela autora. O violão e a guitarra são os seus principais instrumentos, para além do baixo, da voz e de instrumentos não convencionais. No Brasil, tocou em bandas da cena paranaense e compôs a trilha sonora para peças de teatro e curtas. Incorpora nas suas músicas a sonoridade da música popular, do Clube da Esquina, da Tropicália, da psicodelia, da música do Brasil, da América Latina e do Jazz.



Vozes por: Catarina Silva e Juliana Ramalho
Flauta Transversal: Catarina Santos
Guitarra Acústica: Rodrigo Peixoto
Baixo Elétrico: Diogo Cocharro

Percurrões: Pedro Oliveira
Produção, gravação, mistura e masterização:
Hélder Costa.
2020

Embaló das Marés

MARIA QUÊ

sinopse

'Embaló das Marés' é o nome do primeiro registo discográfico de Maria Quê. A sonoridade de "Maria Quê" é influenciada pelas várias vivências dos músicos envolvidos, dando particular foco a cânticos tradicionais de embalar de diferentes áreas geográficas e culturas e cruzando a tradição com a contemporaneidade. Criado e interpretado por músicos de áreas bastante distintas, trata-se de um trabalho discográfico que funde vários géneros e influências musicais, desde o clássico ao jazz, categorizando-se num registo muito particular dentro do folk e da world music.

bio

Ana Catarina Silva é uma das mentoras e vocalistas de Maria Quê. Acompanha Daniel Pereira Cristo na função de back vocal e participou nos seus álbuns "Cavaquinho Cantado", galardoado em 2018 com o prémio Carlos Paredes, e "De Pernas Para o Ar". Já partilhou palco com nomes como Mário Laginha, Maria João Grancha, Rita Maria, João Mortágua ou Ana Bacalhau. Juliana Soares Ramalho integrou também a formação completa de Daniel Pereira Cristo como back vocal. Integra, desde 2018, o projeto Maria Quê, que conta com um EP editado. Esteve envolvida no projeto ACALANTO, levado a cabo por Maria Quê e financiado pela DGArtes.



Juro

MAUDITO



Letra por: Maudito
Música por: Maudito
Produção por: Kabu Beats, Pedra, Beiro
Guitarras, Baixo e Piano: Fred Severo
Saxofone: Paco Romero

Mistura por: Beiro
Masterização por: Beiro
Gravado por: Maudito
Duração da música: 2:54
2022

sinopse

Entre alguma ironia e muitos trocadilhos, “Juro” é um hino ao confuso *lifestyle* do artista que não tem problemas em “*flexar*” a normalidade e as dificuldades da vida de artista. Num instrumental com batida vincada e sopros latinos, Maudito festeja com as palavras e celebra o que a música lhe foi dando, seja muito seja pouco. O tema é acompanhado por um vídeo realizado, produzido e editado pelo mesmo, transportando-nos para o universo do artista, onde as cores assumem um papel forte e os cenários quase sempre encontram um equilíbrio entre um estilo *trash* e descomprometido.

bio

Oriundo do Porto, Maudito começou a brincar com palavras por volta de 2009. Entre *mixtapes*, EP's colaborativos e até compilações de faixas perdidas, o *rapper* ganhou algum destaque no panorama do Hip-Hop nacional. Entrou em 2020 com a mudança de nome e o single “Dá-me Espaço” com a participação de João Não. O seu último projeto, “Troca Tintas”, foi lançado em Outubro de 2020 com uma produção de Beiro e participações de Sien, Dj Ketzal e Pedra. Depois do EP que lhe valeu a atuação e menção nos “Novos Talentos Fnac 2020”, o *rapper* tem trabalhado com nomes como Cálculo, 808Luke, xtinto, João Tamura, entre outros.



Soro da Verdade

METAMITO

Composição, Gravação, Produção, Letra:
António Miguel Serra (Metamito)
Mistura: Pedro Ferreira, no HAUS.
Masterização: João Alves, no Sweet Mastering Studio.
2022

sinopse

“Soro da Verdade” é o cartão de visita ao imaginário de Metamito, sendo o tema de abertura do seu álbum de estreia (janeiro, 2023). É uma canção onírica, uma viagem por realidades subconscientes, guiada pelo som de guitarras clássicas e portuguesas, teclados etéreos e batidas orgânicas. Ao centro, uma voz psicadélica e suave. Fala-nos da Realidade, do Sonho, do Eu e do Outro, e do quão unas podem ser estas coisas. Uma exploração de texturas e sonoridades que se confundem entre o ancestral e o moderno. É acompanhada de um vídeo, surreal e colorido, idealizado pelo próprio e realizado por Martim Braz Teixeira.

bio

Metamito é um projeto musical que visa diluir a fronteira entre o sonho e a realidade. É fruto da imaginação de António Miguel Serra, músico multi-instrumentista e produtor da zona de Sintra, que usa esta espécie de alter-ego para sublimar musicalmente as suas deambulações metafísicas e filosóficas. As suas músicas navegam por diversos géneros musicais, do *dream-pop* ao *psych-folk*, mas partilham entre si um toque psicadélico e etéreo, explorando emoções que vão desde a calma à epifania mística. Por vezes, o som de instrumentos tradicionais funde-se com o dos sintetizadores, e dessa fusão nasce algo novo.



Ceifa

MUTU



2021

sinopse

O tema que dá origem à narrativa musical dos “mutu”, embarca em momentos de uma portugalidade de outrora, sem filtros, intenso, incomensuravelmente marcante, desesperadamente digno, uma autêntica bengala da eterna saudade lusa. Antagonicamente, a “Ceifa” pode ser interpretada como mortandade, vida interrompida, terminus; canta-se “fica o restolho”; ruído, sobras de uma *persona* de outras vidas. Em a “Ceifa”, aborda-se a desesperança e a culpabilidade da ação humana, um cenário apocalíptico, fogo-fátuo de uma existência perdida, outrora vivida; memórias mil, que, no final são ceifadas até à hipoderme do silêncio.

bio

Em atividade desde os 16 anos de idade, estuda piano desde os 12 anos conseguindo, até à data, os diplomas de 6º Grau de Piano Clássico e o 5º Grau de Piano Jazz pela ABRSM. O seu primeiro projeto foram “Os Canto-Esquina” que entretanto terminou. Integrou em 2017 o projeto “GrandFather’s House” onde participou na composição do último LP “Diving”. Neste momento conta com 2 discos editados. Em 2020 integrou o projeto “mutu”, cujo tema “ceifa” foi submetido e selecionado para a MNJC 2022, que se prepara para lançar o seu primeiro trabalho discográfico (meados 2023). Em 2022 associou-se ao coletivo “Cosmic Burger”.

Teatro





Vencedora

As vidas miúdas e outras insignificâncias

NAIANA SOARES PADIAL

Interpretação e Criação: Naiana Padial
Olhar externo: Sandra Salomé e André Schulle
Apoio Artístico e Técnico em Circo: Jorge Lix e Nathália Furlan
Banda Sonora: Pedro Destro
Apoio Técnico e Montagem: Gustavo Carvalho
Consultoria Dramatúrgica: Bobby Baq

Cenografia: Naiana Padial
Consultoria em Cenografia: Cleydson Catarina
Figurino: Lucala Atelier
Desenho de Luz: Letícia Trovijo
Fotografias: Marta Marques e Juliana Silva
Filmagem: Savvy Sun
2022

sinopse

Uma misteriosa forasteira chega a um sítio em ruínas. Nelas descobre um circo abandonado onde encontra uma inusitada companheira: uma barata. A partir da complexa relação entre as duas, percorremos variadas emoções, através da poesia das coisas insignificantes, da parvoíce e de conflitos sobre relações de poder. Esta peça visual, que conecta o circo e a música através da linguagem do palhaço e do teatro físico, convida o público a participar ativamente da história que constrói.

bio

Formada pelo Instituto Nacional de Artes do Circo - INAC e pela escola de palhaçaria dos Doutores da Alegria. Pesquisa, nas suas criações, a intersecção entre teatro físico, palhaçaria, circo, música e cenografia. Em 2022, criou a instalação performática Poros e orientou a criação de Flora e Fauna, a convite do Teatro da Didascália. É educadora de artes performativas, tendo colaborado com o Festival Vaudeville Rendez-vous. É cria dos movimentos culturais da periferia sul de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, procurando criar poéticas que alcancem dimensões políticas e sensíveis.



ÁRIA

ALAN SENCADES
E JESSICA LANE



Criação e interpretação: Jessica Lane e Alan Sencades
Rigger: Gustavo Barbosa
Figurino: Antonica Lucala
2022

sinopse

A ária corresponde a uma melodia suspensa no tempo cronológico, o que lhe confere uma volatilidade semelhante à do ar. O projeto dedica-se a uma pesquisa do teatro pós-dramático através da técnica circense da suspensão capilar associada a instrumentos musicais aerofones, mais precisamente a flauta e o acordeão. A flauta como instrumento melódico e o acordeão como instrumento harmónico estão ambos intimamente relacionados com o ar, elemento que provoca as suas vibrações e, em consequência, as suas vozes e musicalidades.

bio

Alan Sencades é artista de circo, natural de Pernambuco, Brasil. Formou-se no INAC – Instituto Nacional de Artes do Circo com especialização em roda cyr. Durante a sua formação, participou em festivais como o TAC (Espanha), o Brocante (Itália) e o CIRCca (França). Jessica Lane é atriz e artista circense, natural da Paraíba, Brasil. Com espetáculos já viajou para países da América Latina e realizou festivais em Portugal, em 2014. Na trajetória do circo pesquisa a técnica da suspensão capilar desde 2018 e fez formação no INAC – Instituto Nacional de Artes do Circo com especialização em arame.



O LUGAR DO INSTANTE

BEATRIZ GUERREIRO

Interpretação: Beatriz Guerreiro, Rodrigo Balseiro, Rui Miguel
Texto e Encenação: Beatriz Guerreiro
Músicos: Ana Rodrigues (Oboé), Catarina Guerreiro (Violoncelo), Eduardo Machado (Flauta Transversal)

Composição Musical: Catarina Guerreiro
LUZ E SOM: Rodrigo Augusto
Assist. Encenação: Tiago Negrão Pinheiro
2022

sinopse

Um ensaio acerca dos sentimentos de clausura e solidão. Um mergulho ao lugar de refúgio e até onde não se torna... numa prisão. Através do discurso entre dois 'hypocrites', ambos encontram, em celas opostas, um lugar comum. Dois enclausurados: um em desespero por sair, um por não ter de sair. Num discurso paradoxal baseado num jogo verbal de hipocrisia e contradição, unem-se dois opositores através de um conflito de lugares; unindo os dois lados da guerrilha, a um muro de distância, pela mão da sua própria Humanidade. Todos temos um lugar comum. O lugar em que nada permanece. Esse lugar é o mundo inteiro.

bio

Começou a formação artística na infância, no Teatro O Bando, onde aprendeu teatro e participou em espetáculos. Passou também pela dança e pelo teatro de rua. Licenciou-se na área do som, trabalhando também com som ao vivo e *sound design* para teatro. Trabalhou/estudou em companhias/escolas/festivais como O Bando, The Lisbon Players, FIG, FIAR, Festa do Teatro de Setúbal e salas como São Luiz, Teatro Turim e Malaposta. Fez alguma formação internacional, nomeadamente na área do teatro do oprimido, no qual facilita pontualmente iniciativas para jovens. Termina agora o Curso de Formação de Actores da ACT.



“Kharms ou O que em mim era de Deus e o que em mim era de Tolo”

INÊS ALVES GARCÍA, ANA CAROLINA FONSECA, BEATRIZ PRADA, DANIELA FONSECA, MARIA ISABEL QUINTA LOBO E RUI SILVA



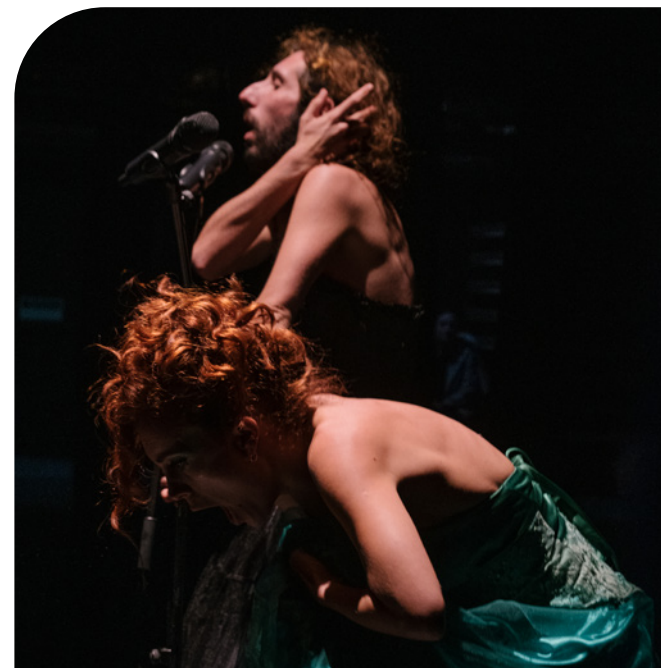
A partir dos contos de: Dannil Kharms
Dramaturgia, Encenação e desenho de luz:
Pedro Galiza
2021

sinopse

Daniil Kharms, escritor russo nascido em 1905, vem contrariar a corrente ortodoxa artística soviética através de uma literatura em que a sua condição de marginal se sublima em situações e personagens em constante luta com a realidade. É o cruzamento entre vida e obra, são as palavras do profeta, que tem anseios maiores do que as tragi-cómicas situações quotidianas a que se vê subjugado, a sua perseguição enquanto artista livre e rebelde, obrigado a simular (ou talvez não) a sua loucura, que permitem edificar um espectáculo onde pensamento, linguagem, vida e cena se misturam num delírio caleidoscópico.

bio

Somos a Ana Fonseca (Intérprete); Beatriz Prada (Cenógrafa); Daniela Fonseca (Figurina); Inês Alves García (Intérprete); Isabel Quinta Lobo (Intérprete) e Rui Silva (Intérprete). Em 2018 ingressámos na ACE Escola de Artes, no Porto, onde tivemos a oportunidade de trabalhar juntos para a realização da nossa Prova de Aptidão Profissional (PAP). Concluímos o curso em 2021, com a criação “Kharms Ou o que em mim era de Deus e o que em mim era de Tolo.” Presentemente continuamos os estudos no Ensino Superior e trabalhamos nas áreas do teatro, música, cinema, artes visuais entre outras.



Criação: João Pires
Texto: Erica Rodrigues e Isac Graça
Com: Erica Rodrigues e Isac Graça
Produção: PlayCompany
Iluminação: Sérgio Gaspar
Apoios: Companhia de Actores, Companhia

sinopse

E se no intervalo de um espectáculo chamado INTERVALO duas cortinas de um teatro pudessem falar? Inspirado pela obra de *Intermission* (1963) de Edward Hopper e pela melancolia personifico as cortinas que estão no canto superior direito da obra de forma a poder questionar o posicionamento do teatro numa sociedade. Dou-lhes duas vozes: a voz da razão e a da emoção. Será o teatro um lugar com mais ou menos verdade do que a realidade? Será o teatro um espaço democrático ou de vaidades?

Olga Roriz, Greenplot, Yves Rocher, Nix, Luso, LG Probeam
Agradecimentos: Cláudia Semedo, Tiago Fernandes, Diana Bicho, Sérgio Gaspar, Pedro Caldeira Tripé, João Coroa Justino, Filipa Magalhães, Sandra Sousa
2020

bio

Estudou na Escola Profissional de Cascais e na Escola Superior de Teatro e Cinema, formado por Beatriz Batarda, Carlos Avilez, etc. Em cinema, fez parte de curtas e longas-metragens. Trabalhou como actor em vários espectáculos que estiveram no Teatro da Comuna, Teatro Municipal Amélia Rey Colaço, etc. Desde 2018 que fundou e é Director Artístico e actor da estrutura PlayCompany, estando desde então a trabalhar em vários espectáculos da sua autoria. Em 2022 esteve em reposição de espectáculos seus no Coliseu do Porto, Teatro da Garagem, Cine-Teatro Almeida Garrett, e estreou um espectáculo em co-criação no TEC.



INTERVALO

JOÃO PIRES

Da plateia para o palco

MARIA ABRANTES ALVES



Direção artística e texto: Maria Abrantes Alves
Interpretação: Carlos Alves, Diogo Correia, Madalena Flores, Maria Abrantes Alves
Cenografia e Figurinos: Coletivo De Atores
Música ao vivo: Diogo Correia
Desenho de luz: Manuel Abrantes
Técnico de luz: António Vilar
Vídeo e fotografia: Ana Monteiro

sinopse

Num duelo carinhoso com o público, a Frente Casa dá voz à ação. Um olhar sobre as reações, as vontades e os contratempos de quem assiste aos movimentos do seu público. Uma observação peculiar sobre a plateia e as pessoas que a ocupam, ao invés do que acontece em palco. Trazer da plateia para o palco todas as situações embaraçosas, os pensamentos de quem acompanha o espectador ao seu lugar, as alucinações de quem chega atrasado para ver um espetáculo e as preocupações constantes com o que pode acontecer com um sem número de pessoas é o que dá forma a esta criação.

Curta-metragem: Mafalda Theias
Design gráfico: Daniela Alves
Produção e comunicação: Maria Abrantes Alves
Fotografia divulgação: Dannie
Consultoria artística: Margarida Abrantes
Apoio à criação e residência artística: Metamorphose - Centro De Divulgação Artística e Companhia Olga Roriz
2022

bio

Convivendo com o universo artístico desde pequenina, em 2007, inicia a sua formação como atriz, na Escola Profissional de Teatro de Cascais, prosseguindo depois, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Em 2018 termina o mestrado em Turismo – Gestão Estratégica de Eventos e, em 2020, realiza o curso de *Acting*, na World Academy. Atualmente trabalha como produtora, dramaturga e intérprete na Metamorphose – Centro de Divulgação Artística, é Frente Casa no Teatro Nacional D. Maria II, leciona a AEC de Expressão Dramática no Agrupamento de Escolas do Concelho de Mora e é Programadora Cultural na Câmara Municipal de Mora.



SADO - Uma Cerimónia de Vida

MARIANA SEVILA

Interpretação: Mariana Sevila
Som: João Lima
Figurinos: Rúben Carneiro
Cenografia: Gentilmente cedida por Porcel
2021

sinopse

Tendo como inspiração os princípios da cerimónia tradicional de chá japonesa (WA - KEI - SEI - JAKU), SADO propõe o encontro com as estações da vida através da contemplação da natureza. Uma deambulação entre espírito e matéria, que nos convida a um estado de quietude e simplicidade. Esta é a celebração do belo como transitório, imperfeito, impermanente e incompleto, numa lembrança de que somos mais do que meramente sensíveis.

bio

Natural de Aveiro, nasceu a 11 de fevereiro de 1998. Atualmente frequenta a licenciatura de Teatro, ramo de atores, na ESTC. Formou-se em Interpretação na ACE - Escola de Artes (2015-2018). No campo da criação artística conta com "Palermo", uma criação independente estreada no Fringe Festival Edimburgo (2016); "ENTRE TANTO", Bolsa de Criação 20 MINUTOS, atribuída pelo Programa Paralelo do Teatro Municipal do Porto (2018); "Cardápio", projeto encomendado pelo programa Cultura em Expansão Aveiro (2019); "SADO - Uma Cerimónia de Vida", com participações no Hã Fest! (2021), LAMB (2021) e Festival dos Canais (2022).



Ilusionistas

SOFIA PESSOA PÁDUA,
DIANA CANHA E
FRANCISCO TAVEIRA
PINTO



Adaptação do texto de: Lluisa Cunillé
Interpretação: Diana Canha, Francisco Taveira
Pinto, Sofia Pádua
Cenografia: Júlia Cury
Luz: Bee Barros
Som: Sara Marita

Assistência de Produção: Beatriz Paulino
Assistência de Dramaturgia e Produção:
Diana Canha
Encenação, Direção Artística e de Produção:
Sofia Pádua
2022

sinopse

Ilusio-manes Ágata e Alfredo. Nada é fácil, nunca é. Nós temos tudo o que é preciso para enfrentar qualquer alteração que possa existir nesta queda. Oçam a minha intuição. Nós vamos sobreviver. Basta que troquemos os ponteiros do relógio por bananas. Talvez escorreguemos neles e consigamos enganar a morte. Às vezes oiço a minha voz ao telefone a responder-me a mim própria, mas a verdade é que quando me olho ao espelho também vos vejo no reflexo. Não sei, é tudo um bocado absurdo. Ainda assim, prometam-me agora mesmo que se olharmos umes para es outros, nunca vamos fechar os olhos. Obrigada pela viagem.
Alicia

bio

Sofia Pessoa Pádua é criadora-*performer*. Trabalha como atriz, encenadora, diretora, música (voz e sintetizador), produtora e professora. Apresenta-se hoje como artista *queer multidisciplinary*. Diana Canha é atriz e já integrou exercícios-espetáculo encenados por Ávila Costa, Susana Vidal, Luciana Ribeiro e Sílvia Moura, interpretando textos de Caryl Churchill, Al Berto, Álvaro de Campos, Anton Tchekhov. Francisco Taveira Pinto frequenta o curso de formação de actores da In Impetus. A sua experiência na área da representação passa por: Depois da Tempestade, de Sergi Belbel; Gigantes da Montanha, de Luigi Pirandello, entre outros.



Cada área artística teve um júri temático dedicado, com três elementos: dois autores reconhecidos pelo seu trabalho nessa área e um representante do IPDJ.

Arte Digital

Falcão Lucas
Jorge Ângelo (IPDJ)
Leonel Moura

Arte Urbana

Add Fuel
Hugo Cardoso
Tamara Alves

Cerâmica

Alexandre da Silva
Helena Lourenço (IPDJ)
Vitor Reis

Cinema

Marta Sousa Ribeiro
Miguel Martins (IPDJ)
Sérgio Graciano

Dança

Aldara Bizarro
Raquel Albino (IPDJ)
Rosana Ribeiro

Escultura

Cisbelia Cevadinha (IPDJ)
Joana Valsassina
Pedro Fazenda

Fotografia

Estelle Valente
Herberto Smith
Miguel Ferraz (IPDJ)

Gastronomia

Chef Kiko
Saudade Campião
Simão Aniceto

Humor

Hugo van der Ding
Marta Borges
Pedro Miguel Silva

Ilustração

Amalteia
Clara Não
Luís Correia (IPDJ)

Literatura

Afonso Cruz
Carlos Pereira (IPDJ)
Cláudia Lucas Chéu

Moda

Dino Alves
Eduarda Abbondanza
Sandra Pires (IPDJ)

Música

Hélio Morais
Rosário Nunes (IPDJ)
Selma Uamusse

Pintura

Ana Fonseca
António Palmeira (IPDJ)
Francisco Vidal

Teatro

Carla Chambel
Paulo Matos (IPDJ)
Welket Bungué

Cada um dos vencedores da Mostra Nacional Jovens Criadores 2022 foi galardoado com estes prémios:

Prémio monetário de 1000 eur

Num total de 15.000 eur, distribuídos pelos vencedores das 15 áreas artísticas.

Oferta de Cartão Jovem

Um ano do cartão de âmbito nacional e europeu que dá acesso a descontos e serviços exclusivos em cinema, festivais de música, viagens, pousadas da juventude, eventos desportivos, museus, monumentos, estabelecimentos comerciais, entre outros.

Entrevista no Gerador

Entrevista dedicada a cada criador e ao seu trabalho a ser publicada no site e redes sociais do Gerador, a plataforma independente de jornalismo, cultura e educação.

Oferta de 50% de desconto num curso à escolha da Academia Gerador

A Academia Gerador apresenta uma oferta original de cursos de 15h ou 25h nas áreas de gestão cultural, jornalismo e media, cidadania, audiovisuais e desenvolvimento de competências pessoais.

Oferta de um ano de Sócio Gerador

Ser Sócio Gerador é ter acesso à assinatura anual da Revista Gerador, a descontos nas formações da Academia Gerador, passatempos exclusivos e vantagens na cultura.

APOIOS

